

# Roustain



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org).



[www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org)

# Roustaing

Krishnamurti de Carvalho Dias

VITÓRIA

OUTUBRO - 2000

REVISÃO

Krishnamurti de Carvalho Dias

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Gráfica Ita

FOTOS

Angela Raphaela Martins Vago

CAPA

Cristiana de Souza

IMPRESSÃO

Gráfica Ita

1ª Edição - 1.500 exemplares

© Krishnamurti de Carvalho Dias, 2000

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei 5.988.

A renda desta obra, será revertida em benefício do Projeto Impacto, de responsabilidade pessoal do autor.

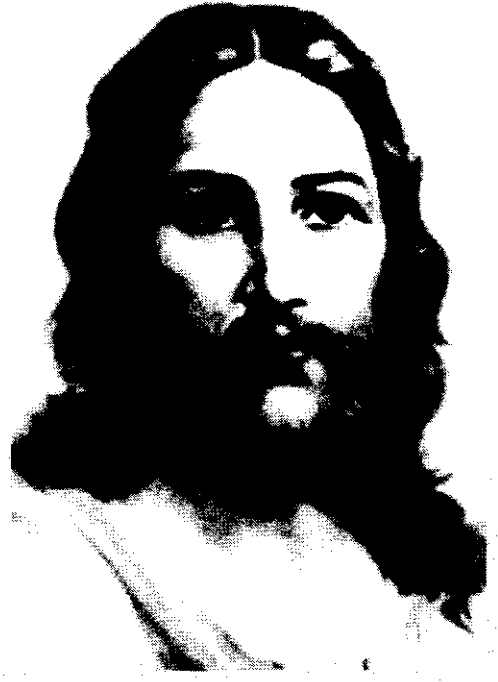


**PROJETO IMPACTO**

Aos meus caros irmãos  
Gustavo, Otávio e Othelo, com carinho

Telas de Elizabeth da Costa Viana,  
artista plástica capixaba,  
gentilmente autorizada por ela  
sua inclusão nesta obra.

# Notícias Históricas



Jesus

*... Ele dividiu a história  
em AC e DC, e a humanidade  
em cristãos e não cristãos...*

*... mas deixou polêmicas  
- teria vivido carnalmente?...*





Maria

*... A Igreja diz que sim,  
no seu dogma de “o verbo se fez carne”,  
só que esse corpo foi sobrenatural,  
milagroso, pois sua concepção  
não foi a biológica, mas a  
“Imaculada Conceição da Virgem Maria”...*

*... Essa questão é totalmente  
sem sentido no meio espírita.  
Quem a introduziu foi*

ROUSTAING



# Um Estudo Desapaixonado



Um livro gostoso de se ler. A leitura fluente e agradável já se tornou a marca registrada do escritor espírita Krishnamurti de Carvalho Dias (1930-2001), que nos brinda com um estudo muito interessante sobre a controvertida obra *Os Quatro Evangelhos*, organizada pelo advogado de Bordéus, França, Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), contemporâneo do fundador do Espiritismo, Allan Kardec (1804-1869).

Trata-se de uma reflexão lúcida e isenta da costumeira paixão que acomete os detratores do roustainguismo. Logo de início o autor avisa: “Caro leitor, se você está pensando que vou desancar Roustaing, esqueça. Tenho pelo ilustre confrade até um bom conceito e não iria desrespeitá-lo aqui.”

Autores que se debruçaram sobre o polêmico tema, quase sem exceção, o fizeram de forma muitas vezes intransigente, desqualificando a obra do advogado de Bordéus, de forma panfletária e sem perceber, amíúde, que por detrás da tese do corpo fluídico de Jesus, se esconde um conjunto de concepções voltadas para uma visão religiosista do Espiritismo.

Apoiado em novas descobertas científicas, notadamente nos avanços da física quântica, Krishnamurti dá mostras de sua vasta cultura enciclopédica e linguística na fundamentação de seus argumentos, sem cair no campo da seriedade sisuda e academicista. Ao contrário, mesmo manejando conceitos nem sempre acessíveis ao vulgo, o autor de *O Laço e o Culto* consegue dar um escopo agradável ao texto, deixando o leitor ansioso e bastante curioso com o desenrolar de suas reflexões.

Krishnamurti de Carvalho Dias foi um dos maiores conhecedores da obra de Rivail, como gostava de chamar o fundador do Espiritismo, Allan Kardec. Sem beirar a ortodoxia, o autor refuta as teses de Jean-Baptiste Roustaing, evitando partir para a polêmica estéril e erudita. “Se não sou antirroustainguista hidrófobo, também não sou nenhum macarthista kardecista, brandindo tacapes e cacetes para sustentar partidos. Nada disso. Este vai ser um desapaixonado e

isento estudo do que se chama de roustainguismo e das relações que esse ismo, inegavelmente um ismo espírita, efetivamente tem com o Espiritismo.”

Portanto, prepare-se leitor para o estudo de uma obra lúcida, rica em informações, conceitos e muito agradável de se ler.

Boa leitura!

**Eugenio Lara**

Editor do PENSE - Pensamento Social Espírita

Janeiro de 2011.

Texto adaptado e publicado originalmente no jornal de cultura espírita Abertura, janeiro/fevereiro de 2001, Santos-SP.

**Digitalização:**

PENSE - Pensamento Social Espírita

*[www.viasantos.com/pense](http://www.viasantos.com/pense)*

Janeiro de 2011.

# Roustaing

## INTRODUÇÃO

Muito se tem dito e escrito sobre Roustaing e o dissenso que ele introduziu, como que um rio de tinta escorrendo em um leito de milhares de folhas de papel, expressando os prós e contras, tudo o que pensa e sente um e outro dos dois partidos contraditórios que irremediavelmente se formaram no seio da comunidade, por causa de Roustaing.

Tenho dentro de mim, sinto isso de modo fortíssimo, algum compromisso com o exame público, desassombrado, dessa questão tão nevrálgica. Não sei porque mas sinto-me, de algum modo que ignoro claramente qual seja, compromissado com esse deslindamento da questão: sinto que acho-me em condições de intervir nesse debate de modo útil, proveitoso, exitoso.

Acho isso porque na verdade o que está em jogo, em enfrentamento nessa pendência toda, não é exatamente o corpo fluídico de Jesus, não. Essa questão, na verdade uma questiúncula ridiculamente sem importância, é apenas um pretexto e uma fachada para esconder a verdadeira razão de os litigantes duelarem. O que está em jogo é, sim, a questão religiosa, é o religiosismo, a religiosice, a religiosidade. Essa é a razão

oculta, dissimulada, mas real do dissenso, uma razão que não ousa apresentar-se à luz do sol, que não mostra sua cara nem se atreve a confessar-se existente. Uma razão que “não ousa dizer o próprio nome”.

O que há em luta, digladiando-se e debilaterando dentro do movimento, não são propriamente roustainguistas e rivailianos, não; mas sim religiosos e religiosistas de um tipo, os roustainguistas versus religiosos e religiosistas de outro tipo, os que se acham muito kardequianos ou kardecistas mas não chegaram ainda à perfeição de se tornarem verdadeiramente rivailianos, isto é, assumirem que foi o pedagogo Rivail, o verdadeiro fundador do Espiritismo apenas como uma ciência filosófica, e não o mito Allan Kardec, distorcidamente apresentado como o fundador de uma pretensa “nova religião”.

De certo tempo para cá venho-me dedicando ao hábito de só me referir ao autor do Espiritismo pelo nome civil, real dele, que era o de Hipólito Leão Denizard Rivail, abreviadamente “professor Rivail”. Faço isso ostensivamente, diria até acintosamente, para marcar minha posição de total opção pelo real, pelo fato histórico, pela pessoa física e civil, desprezando o mito, a invenção tendenciosa.

O professor Rivail já era um nome bem conhecido como autor didático, como educador de grande renome em seu país, quando criou a coisa nova, diferente, o Espiritismo, e para esta sua criação, lançou mão de um expediente corriqueiro, banal: o uso de um pseudônimo literário.

Só que o pseudônimo cresceu mais do que o homem-autor e ganhou a vida própria de um mito. Autonomizou-se projetando uma imagem logo distorcida, deformada tanto por adversários quanto por admiradores.

Hoje, o que temos é que a sociedade em geral pensa que Espiritismo é uma religião exótica, de pessoas excêntricas, fundada por um certo Allan Kardec, um místico extravagante do século passado, sendo raríssimos os que sabem que se trata de uma ciência notável, da maior seriedade e digna de todo interesse e admiração, criada por um pedagogo de invulgar inteligência e descortino.

Faço constantemente um teste permanente do que são o mito, a versão e a lenda e do que é, por outro lado, o fato histórico: perante alguém, digo que sou um adepto da teoria criada pelo professor Rivail e se me pedem para expô-la, já que o nome não desperta nenhuma lembrança do interlocutor, então debulho o que era o discurso desse autor, na sua forma genuína e original, portanto escoimado das distorções que usualmente lhe são acrescentadas.

O efeito é impressionante: as pessoas absorvem o pacote de informação com o maior respeito e naturalidade, pois a teoria rivailiana é de fato muito válida, legítima, sedutora, até.

Mas já a outras pessoas, digo que sou espírita, adepto de Allan Kardec e invariavelmente recolho sarcasmo, ironia, risinhos e incompreensão.

É que o pseudônimo ficou estereotipado como o rótulo de mil banalidades religiosas, como um Jim Jones qualquer, um reverendo Moon, um Rex Humbard, um desses fundadores de religiões, de igrejas eletrônicas, de seitas místicas e outras tantas caraminholas do tipo. Falar em Kardec é evocar esse pacote de referenciais equivocados, mas é o que toda gente pensa que é, pois foi o que ficou estereotipado.

É preciso entender que Rivail nunca aceitou que o Espiritismo fosse pensado como uma religião. Tal



bobagem só foi introduzida pela Igreja, justamente para derrubar o perigoso concorrente. Não que houvesse da parte de Rivail qualquer ânimo de competitividade com ela, mas porque tudo que contribui para alargar a mente humana e torná-la mais livre, já ameaça a Igreja, é um risco imenso para seus interesses.

A idéia de que o Espiritismo fosse uma nova religião na praça, disputando prosélitos, e que Allan Kardec fosse o fundador dela, foi uma mentira que pegou, um mexerico que emplacou, um boato que deixou saudades.

Não há um pingão de verdade nisso tudo; mas quem se interessa pela verdade quando a mentira é mais charmosa e mais convincente?

Para se entender bem porque eu afirmei que, no pega roustainguista com os *soi disant* kardecistas, o que há mesmo é religiosismo versus religiosismo, é preciso assumir que Rivail é muito diferente, na prática, do que Allan Kardec ficou sendo em termos de imagem e conceito manipulados para confundir a opinião pública.

Em verdade, Rivail é o homem da ciência, o revolucionador da cultura terrestre, detonador de um fenômeno cultural ímpar, a substituição da cultura mortalista (a que consiste em achar que a morte existe e é o fim natural dos seres vivos) pela cultura imortalista ou sobreviventista, num processo de comprovação científica.

Mas Allan Kardec já não é mais nada disso. Ficou carimbado na visão popular como um fundador de religião mística, um crédulo, mais um místico religioso igualzinho aos outros do século XIX, alguns bem conhecidos, como Joseph Smith (o fundador do mormonismo), um Augusto Comte (o fundador do positivismo, na sua feição de “religião da humanidade”) e de uma Mary Bakker Eddy (fundadora da “*christian science church*”).

Quem é mais kardecista-kardequiano (nessa visão

equivocada) do que rivailiano é o natural optante pela visão religiosista, cliente previsível da idéia de que espíritas são religiosos de uma nova religião, no mínimo são consumidores de um pretendido terceiro aspecto, o religioso, parte de uma espécie assim de Cérbero trifauce, um movimento com três caras, uma entidade muito mitológica, o decantado Espiritismo ao mesmo “tempo ciência, filosofia e religião”.

Mas quem é simplesmente rivailiano é apenas um fulano bem informado, que leu no original e acessou bem ali a idéia genuína, haurida na própria fonte, os textos de Rivail, de que a criação dele não é nenhuma seita religiosa, nenhum partido político, apenas uma ciência em vias de constituição.

E quem é assim é neutro, desengajado, isento na polêmica que nasce do dissenso roustainguista, pode encarar de frente e sem nenhum envolvimento pessoal a questão, aliás bastante interessante de se estudar, que contrapôs Rivail a Roustaing.

Só quem é religioso, quem não atingiu ainda o estado interior de liberdade **da** religião (que é coisa bem diferente do estado de mera liberdade **de** religião), se deixa capturar, como mosca em papel viscoso, pela polêmica infundável, pois é uma turra entre religiosos, apenas para religiosos. É preciso ainda ter a religiosidade dentro de si, o atavismo confessional pulsando no íntimo para prender-se a ela.

Como já estou fora dessa, já encaro serenamente o respeitável conflito das diversas fés e religiosidades alheias, então já posso, sinto que posso, sim! trazer uma solução tranqüila, isenta, neutra, para esse debate.

Não é propriamente minha; é de Rivail-Kardec, mesmo, portanto revestida de toda autoridade.

Trazendo para seus olhos mais este livrinho nosso,

caro leitor, deixe-me dizer que se você está pensando que nele vou desancar Roustaing, esqueça. Tenho pelo ilustre confrade até um muito bom conceito e não iria desrespeitá-lo aqui. Posso não concordar com o que ele dizia, e não concordo mesmo, mas nem por isso vou faltar com o respeito a ele nestas páginas.

Sem fazer a menor concessão a suas posições, vou procurar compreendê-las e pesquisar, averiguar como é que, sendo ele um homem ilustre, culto, probo, respeitabilíssimo, chegou a radicalizar o que radicalizou, conseguindo, além disso, impressionar e convencer outros homens tão probos, ilustres, cultos, sinceros e respeitáveis como foram Bittencourt Sampaio, Sayão, Cirne, Figner, Bezerra, Richard e centenas de outros, transformando-os em outros tantos radicais.

É de se perguntar porque pessoas de tão elevada qualidade moral e intelectual se empolgaram com o dissenso rustenista. Parece-me plausível que este tivesse um mínimo de qualidade também ou aqueles homens de tanto escol por ele não se interessariam.

Mas tranquilize-se o caro leitor; se não vou agredir Roustaing ou os roustanguistas, também não vou fazer o seu panegírico, seu preconício, sua apologia. Vou ser rigorosamente isento.

Não sou e nunca fui roustanguista, apesar de tudo o que as más línguas vivem repetindo: sou é rivailiano “de quatro costados”, como se diz entre gaúchos. Mas se não sou anti-roustanguista hidrófobo, também não sou nenhum macarthista kardecista, brandindo tacapes e cacetes para sustentar partidos. Nada disso.

Este vai ser um desapaixonado e isento estudo do que se chama de roustanguismo e das relações que esse ismo, inegavelmente um ismo espírita, efetivamente tem com o Espiritismo.

Minhas fraternas e respeitosas saudações a todos os que professam o roustainguismo e um sincero pensamento de paz ao seu valoroso instituidor.



É sempre bom rememorar como foi o primeiro contato que se teve com qualquer coisa que se está estudando. A primeira vez que ouvi falar de Allan Kardec, foi quando um professor de matemática disse que aquele francês era um sujeito maluco que conversava com um vaso de fores e que tinha morrido louco por isso. Eu tinha apenas dez anos.

Mais tarde aprendi a verdade histórica e entendi a pavorosa ignorância do meu professor sobre Rivail. Fatos poderosos, mediúnicos, revelaram-me a ciência espírita e fizeram de mim um estudioso dela.

Já Roustaing, eu demorei mais a conhecer. Foi-me apresentado como um autor espírita que em tudo por tudo conferia, empatava, coincidia com Rivail e só discrepava deste num pontinho mínimo apenas: o corpo de Jesus.

Eu tinha um parente que era roustainguista. Antes, ele fôra um fumante inveterado a vida toda a ponto de pôr em risco sua saúde, mas havia-se curado por um ato de força de vontade. Havia lido em Roustaing que os vícios são imperfeições do espírito, são sujeições d'alma a um cativo imposto por outrem. Como era um homem brioso e altivo, decidiu que não seria mais cativo de ninguém: curou-se da dependência por força do roustainguismo.

Conheci de perto um outro adepto. Era um homem maravilhoso. Tornei-me seu admirador sincero por suas virtudes pessoais. Abismei quando me disseram que era um roustainguista, pois nunca dissera nada, não deixara

transparecer suas convicções. Tenho-o como um modelo moral.

Uma de minhas cunhadas dizia-me, com a maior naturalidade, que Roustaing era a verdade; só podia ser aquilo, que não podia ser outra coisa. Era uma pessoa encantadora. Eu tinha-lhe muito afeto e respeitava muito sua inteligência.

Portanto, minha iniciação espírita foi robusta, tornou minha convicção inabalável, capaz de resistir e sobreviver até mesmo às inúmeras decepções com os espíritas, que realmente, estes são dose, terríveis de se conviver. Mas meus contatos com Roustaing foram de outra ordem, foi vendo exemplares notáveis, admiráveis, de pessoas que o veneravam.

À primeira vista, toda discussão parece que gira em torno da divergência sobre o corpo de Jesus. Roustaing pretende que era fluídico vida toda, como são os corpos de espíritos materializados nas sessões; já Rivail rebatia que não.

Eu nunca li de todo a obra-busilis, os famosos “Os Quatro Evangelhos”, mas sempre devorei a literatura pró e contra ela, meio perplexo com os desaforos, as contumélias, as ironias e outros destemperos com que Roustaing invariavelmente é tratado pelos que se declaram kardecistas.

Honestamente, não há reciprocidade, não se vê os atacados se defenderem com a mesma baixaria; via de regra o nível é mais alto na resposta roustainguista.

Se não li o livro-busilis em si, pelo menos li avidamente o prefácio dele, uma preciosidade bio-bibliográfica do próprio autor, escrito já perto de sua morte, por volta do fim dos anos oitenta do século passado, quando de há muito Rivail já tinha morrido também.

Simpatizei com a sua figura, sua honestidade

intelectual, sua humildade e a melancolia amarga que demonstrava por não ter sido cooptado por Rivail.

Pelo que entendi tudo começou quando, em 1861, após uma forte enfermidade que o prostrou por um ano, acamado, João Baptista Roustaing, um advogado que tivera formação católica mas havia nela amornado, relê a Bíblia inteira e mais o Livro dos Espíritos, também o Livro dos Médiuns, tudo no espaço de poucos meses (de dezembro de 1860 a março de 1861 aproximadamente). Em seguida escreve a Rivail (março de 1861) e obtêm deste uma indicação para freqüentar as sessões de Sabô, um confrade da mesma cidade que ele, Bordeus.

Mais uns meses e já Roustaing se faz notar nesse meio por suas qualidades pessoais. Carteava-se com Rivail e hipotecava a este sua admiração e estima.

A datação da enfermidade, quem a dá é o próprio Roustaing, naquele prefácio a “Os Quatro Evangelhos”. Ele estivera doente todo o ano de 1860 e só guareceu, isto é, convalesceu, por volta de dezembro, quando então começa a reler a Bíblia, emendando pelos dois livros espíritas.

Já o resto é contado por Roustaing também, na carta que escreveu a Rivail (provavelmente em maio de 1861) e é publicada na Revista Espírita (junho/1861). A coleção dessa “Revista Espírita” tem no final um índice remissivo, quer dizer, que remete o leitor aos lugares em que tal assunto ou tal pessoa foram citados e é fácil localizar ali tudo referente a Roustaing.

Essa carta é publicada elogiosamente e ela contém duas indicações interessantes. Primeiro, que é a segunda vez que ele escrevia a Rivail; a outra vez tinha sido em março do mesmo ano (1861) e que Rivail, atendendo a seu pedido de orientação, havia-lhe indicado as reuniões em casa de Sabô.

A segunda coisa é que os espíritos que se comunicavam nessas sessões sempre referiam que o chamado “Espírito Verdade”, uma entidade sublime que muito amava Rivail, era o próprio Jesus de Nazaré. Esse é um dado interessante que é referendado por certo incidente posterior, quando uma mensagem grandiloqüente vem assinada como “Jesus de Nazaré” e assim é publicada no Livro dos Médiuns.

Depois, sem que Rivail de modo algum assinasse em baixo, endossando essa identidade, o próprio espírito comunicante assume doravante o nome emblemático de “Espírito-Verdade”.

Simplesmente não acho nada, nem deixo de achar; nisso aí, apenas registro o acontecimento de que foi Roustaing quem, por primeiro que se saiba, deu conta, por escrito, desse vezo dos espíritos que se comunicavam na casa de Sabô em insistirem nessa referência, assim identificando “*Sprit Verite*”, secundando o incidente que ficou gravado nas páginas do Livro dos Médiuns.

Voltando a esse precioso documento, que é a primeira vez em que a Revista Espírita publica uma carta de Roustaing, temos que notar a esperança que Rivail manifestava na futura contribuição positiva do missivista, apontando-o como um exemplo de adepto corajoso, despreconceituoso, etc., enfim uma apologia da sua pessoa.

Apesar de *in fine*, o missivista ter sido um tanto prolixo, ardoroso, protestando muito apreço e admiração a Rivail, o fato é que este, o gelado codificador, que era um homem que absolutamente não tinha arroubos para nada, pelo menos não publicamente, recebeu tudo isso como sempre fazia: apenas polidamente.

Também releva que, apesar de tanto calor por parte de Roustaing, e uma tão morna recepção da parte de

Rivail, o fato é que, quando este vai a Bordeus visitar a cidade onde o admirador morava, já aquele adepto tão ardoroso, que dizia querer tanto “apertar as mãos” do Mestre, vê-lo e ouvi-lo pessoalmente, simplesmente não comparece e não toma parte nas festividades pela presença de Rivail, coisa estranha que permite algumas suposições.

A pista para entender essa ausência depois de tantas juras de afeto, está no documento de Roustaing (aquele prefácio dele ao seu livro) onde ele refere que pouco depois de ter escrito (certamente em maio) aquela carta que foi publicada na Revista, já em junho, no dia do seu santo (João Batista, dia 24 de junho, pelo hagiólogo), João Batista Roustaing faz algo surpreendente. Evoca o próprio santo protetor recebendo deste uma mensagem bombástica, ao lado de outra não menos, do outro santo que foi São Pedro, mais a de seu pai, todos revelando a ele que tinha uma missão grandiosa, etc.

Pelo temperamento exuberante, extrovertido (pelo menos literariamente, epistolarmente) de Roustaing, era para ele ter escrito imediatamente a Rivail, dando conta desse importante acontecimento. Tê-lo-ia feito? Ignora-se.

Os arquivos tão preciosos de Kardec-Rivail ou o que restou deles, depois de muitas peripécias, acabaram indo parar nas mãos do confrade Canuto de Abreu, já falecido, e hoje trancados a sete chaves pela família, são inacessíveis a pesquisadores independentes. Não se ficou sabendo se a solene revelação chegou ao conhecimento de Rivail, porque a Revista Espírita não publicou nada.

Todavia, o meu amigo Carlos Imbassaí, filho, contou-me e isso ele volta e meia publica também, que seu pai costumava dizer-lhe que tinha visto, nesses famosos arquivos em poder de Canuto de Abreu (os dois eram muito amigos, íntimos, Imbassaí pai e Canuto de



Abreu) uma cópia de carta enviada por Rivail a Roustaing, em que era dito, sem rodeios, pelo missivista, que o outro estava era obsidiado, vítima de terrível obsessão. Vejam bem: Rivail diz diretamente a Roustaing que este estava sob forte obsessão. Terá sido em resposta a alguma carta dele?

A palavra de Imbassai pai, transmitida por seu filho, é um desses elementos muito confiáveis que não se pode desprezar: nenhum dos dois teria o menor interesse em inventar, mentir, distorcer nada. Se o pai disse que viu o papel, então viu mesmo, e se o filho o repete, tudo converge para que o alegado seja verdade. Eu confio.

A ser verdade isso, talvez se explique por aí o dado no mínimo curioso que foi a ausência de Roustaing à recepção de Kardec, em setembro de 1861, depois de tantos votos de amizades e confissões do primeiro, de que desejava muito apertarem-se as mãos, avistar-se com o Mestre.

Mas se Roustaing não compareceu, não deixou, nem por isso, de ser lembrado, e muito vivamente por admiradores seus, que citaram seu nome debaixo de muitos encômios, perante Kardec, que como sempre apenas ouviu.

Essa era uma característica pessoal muito sua, de ser gelo e não fogo em certas ocasiões, de não envolver-se emocionalmente onde todos se empolgavam e reagiam vibráteis, permanecendo distante de ferveores e arroubos.

Diante do Mestre, foi lido um quente elogio, que até parece encomendado nove de Roustaing, por um certo Boucher de Vitray, gabando e enaltecendo o ilustre ausente, algo feitiño para recomendá-lo e promovê-lo.

Em resposta a esse e outros discursos, Rivail simplesmente faz o seu e, ao término, acrescenta a ele uma mensagem que lhe fôra ditada através de um

médium, pelo espírito Erasto, que costumava assumir que era “o guia do Espiritismo nascente”, dizendo de si que fôra discípulo do próprio Paulo de Tarso, parecendo amar muito a Rivail.

Essa mensagem tem um título longo e um tanto empolado: “Primeira Epístola de Erasto aos Espíritas de Bordeus etc.”, e é um documento estarrecedor.

Lida como foi, em resposta ao inflamado elogio a Roustaing, é deveras significativa, essa mensagem de Erasto.

Precisa ser lido esse documento na íntegra, no original (que é a sua publicação pela Revista Espírita de novembro de 1861) para se sentir sua grandeza e importância. O conteúdo dele é de grave alerta, de formal advertência aos espíritas da cidade de que ali mesmo, em Bordeus, não em nenhum outro lugar, mas ali, onde morava Roustaing, tramava-se um golpe contra a codificação pelos inimigos dela.

Erasto fala em frases abertas: os “inimigos da codificação”, com “frases e citações piedosas”, viriam assaltar, mentir, armar ciladas e dar botes, tudo sob “a máscara da religião”.

Tudo isso ali em Bordeus, diz Erasto, não em nenhuma outra parte mais.

Com efeito, em dezembro de 1861, sobrevem o golpe de mestre obsidiante, sendo Roustaing alvejado por um ataque de celebridades, nada menos que os quatro evangelistas e mais João Batista e até, quem diria, Moisés em pessoa, todos unanimemente passando-lhe o que foi chamado de “revelação da revelação”. Uma pretensa super-revelação muito bombástica, cheia de gongorismos e mexendo na corda mais sensível do pobre obsidiado: o seu atavismo religioso, seus pendores católico-romanos; pois Roustaing, a exemplo de tantos outros espíritas, havia-se tornado espírita sem deixar de

ser religioso e católico romano; conservara intato o dependenciamento intelectual e moral, emocional, que tinha com a Igreja de Roma.

Portanto, com antecipação de alguns meses (de setembro a dezembro), numa denúncia de fato futuro e impossível de ser sabido então por ninguém, Erasto expõe a trama que se armava entre espíritos insatisfeitos com o rumo laico e profano da codificação, que embora fizesse tantas barretadas e concessões ao sentimento religioso dos adeptos, no seu âmago, porém, era laica, enxuta, isenta de qualquer misticismo, sectarismo ou religiosidade. Como o próprio autor dela, Rivail.

O importante das denúncias de coisas futuras é que estas venham mesmo a acontecer, se cumpram, tal como fôra denunciado e foi isso que aconteceu.

A denúncia de Erasto datava de setembro de 1861. Rivail disse que tinha sido feita na véspera de sua partida em viagem, mas foi só em dezembro, um trimestre depois, é que Roustaing veio a conhecer a famosa Colignon, a médium que funcionaria na trama como uma espécie assim de “Rosemary”, para ser mãe do “bebê” (estou referindo-me ao filme “O Bebê de Rosemary”), que é o dissenso, para mais futuramente ainda, juntos, Roustaing e a Colignon, começarem a receber mediunicamente e arquitetar a obra que dividiu os spiritistas.

Só cinco anos depois é que a obra, enfim publicada, apareceria no ano de 1866. Opinando sobre ela, Rivail dá-lhe o que o próprio Roustaing, com uma extrema felicidade, chamou de “um enterro de primeira classe”. Matou a pau.

É preciso ler os dois documentos com cuidado, saboreando-os finamente; primeiro a manifestação de Rivail na Revista Espírita (junho de 1866), depois o

comentário de Roustaing naquele prefácio dele ao seu próprio livro.

Quem lê Rivail não percebe, assim de pronto, o alcance total do que ele estava dizendo afinal, sem ter dito nada formalmente, sem envolver-se, sem se comprometer. Nas entrelinhas, porém, percebe-se a trava, o ferrolho anteposto, a retranca contra as pretensões do livro.

Primeiro o elogio, tipo “nem-fede-nem-cheira”, parecendo exaltar, mas lendo-se bem, já apontando defeitos na obra, para em seguida, como um toureiro na praça que entre medidas de capa enfia mesmo é a espada, chanta o ferro e mata o touro, para então puxar o tapete e desmerecer de vez “Os Quatro Evangelhos”, negando-lhe qualquer solidariedade.

Roustaing foi felicíssimo no seu desabafo chamando de “enterro de primeira classe” a essa manifestação de Rivail, porque de fato foi isso mesmo; um féretro de luxo, um sepultamento grandioso, solene, com salva de tiros e muita pompa, como costuma fazer a Máfia, que metralha o “capo” hoje e amanhã dá-lhe um enterro principesco, com uma enxurrada de coroas.

A área roustanguista, candidamente costuma brandir essa manifestação morna, chocha, desenxabida, contrária, depreciativa de Rivail, como se fosse aprovativa, elogiosa, dizendo que ele “elogiou Roustaing”; mas o próprio “elogiado” sentiu o espinho sob a rosa e acusou, doridamente, o cabal desprezamento que Rivail lhe deu, a nenhuma solidariedade recebida e o clima de gelo que entre os dois se estabeleceu.

Magoado, preterido, não cooptado, naquele prefácio Roustaing acusa Kardec de tê-lo execrado, para em seguida, esquecendo a ética, diante do fato de então seu adversário já ter morrido e não poder mais repeli-lo,

ali disparar acusações injustas a ele, que embora aéticas são muito interessantes e significativas.

Roustaing acusa Rivail de querer ser “papa de uma religião”, coisa estranha de se dizer de alguém que, tão rasgadamente, para desespero dos religiosos do movimento, proclamava desde 1859, não ser o Espiritismo nenhuma religião. Chegava mesmo a vetar até o uso do vocábulo “religião”, ainda que apenas no sentido filosófico da palavra de “laço” / *lien*.

O que indica esse apontamento aí? Chamar Rivail de suposto candidato a “papa de uma religião”, com sarcasmo, parece indicar que Roustaing não via o Espiritismo como uma religião; do contrário não teria imputado ao desafeto como um ato reprovável, o querer ser papa dela, ser um grão-chefe espiritual dessa suposta igreja.

Se imputamos a alguém como uma pretendida falta sua isso ou aquilo, é sinal de que reprovamos e repelimos a coisa imputada, isso é lógico. Então Roustaing, ao acusar Rivail daquilo, demonstrava aí que não aceitava o Espiritismo como uma “nova religião”? Será isso? Achava ele um demérito, algo censurável Rivail querer (tal como ele inculcava) ser “papa de uma religião”, porque intimamente reprovava a idéia do Espiritismo ser uma “nova religião”? Ou era porque se tratava da pessoa de Rivail? Qual é a de Roustaing finalmente?

Difícilmente se poderá negar, dizer que não, que Roustaing não fosse religiosíssimo, um tremendo misticão e pio, pois esse dado salta aos olhos de tudo o que fez e escreveu. A religiosidade mais pia e devota ressuma, tresanda da personalidade do ilustre advogado de Bordéus, onde era “o *battonaire*” (é um título honorífico, bastonário (ou presidente) da ordem dos advogados local, no caso Bordeus.

Todavia, coisa interessantíssima naquele prefácio, hei-lo dizendo algo que parece ir contra a pecha de devoto cego e extremo da Virgem Maria, que é quando, aparentemente, repele a chamada “mariolatria”, o culto desmedido, piegas à sublime Maria.

Imputando a Rivail, como uma falta grave o querer liderar uma pretensa “nova religião”, em seguida repelindo o que se chama de “mariolatria”, nesse texto, Roustaing aparece com uma cara diferente, nada a ver com o que dizem e fazem os roustainguistas, que precisamente querem o Espiritismo crassamente como uma religião, não apenas “uma”, mas “a religião”, “a religião por excelência”, a “única e verdadeira religião”, tributando de envolta, a essa sublime mulher que chamam de “Virgem Santíssima” e “Rainha dos Anjos”, um culto látrico sincero e profundo, exaltado.

São desencontros, contradições, incoerências, fruto da supremacia da emoção, do sentimento, da paixão, posto que sublimes, sobre a razão. Mas em religião é assim mesmo. Tudo é paixão e quando a paixão nos visita – diria o Marquês de Maricá – a razão se despede, vai-se embora, pois elas não podem coexistir em nosso imo.

Vê-se bem pelo pouco que já citei, que começa a aparecer em seus nítidos contornos, a figura da religião como sendo o pivô real de tudo, o desejo religiosíssimo das pessoas procedentes das igrejas, especialmente da Igreja Católica Romana, de fazerem do Espiritismo a sua “nova religião”, tal como imigrantes na nova terra que os acolheu, logo fundam cidades que lembrem e continuem as suas próprias cidades de origem, a começar pelo nome.

É por isso que temos no Brasil, em zonas de imigração européia, tantas cidades precedidas dos adjetivos “novo” e “nova”: Nova Friburgo, Novo Hamburgo, Nova Venécia, etc. É porque os imigrantes, com saudades justas dos

seus rincões natais, presos por laços inquebrantáveis, nostálgicos à velha pátria, tudo envidavam por fazer da nova terra em que agora estavam, uma simples continuação da antiga, sem perceberem que isso é um absurdo.

A terra brasileira é outro país, outra nação, outro hemisfério, outro continente, outra língua, outro clima, outros costumes, outra bandeira, outra moeda, outras leis, tudo novo e diferente, nada a ver com a Europa.

Justamente ferindo esse vezo dos imigrantes e colonizadores de ignorarem que agora já estão noutra e quererem forçar, iludir-se que estão ainda na mesma antiga, aparece a sátira de Rui Guerra com música de Chico Buarque, para a peça “Calabar – o elogio da traição”.

Sem perceberem o ridículo do que estão fazendo, punham os imigrantes:

*“... avencas na caatinga, alecrins no carnaval,  
licores na moringa, aí, um vinho tropical ...”*

Ou então, misturavam:

*“mandiocas e sardinhas, palmeiras, guitarras, fontes.”*

E finalmente deliravam:

*“e o rio Amazonas, correndo Traz-os-Montes  
e numa pororoca, deságua no Tejo ...  
ai esta terra ainda vai seguir seu ideal:  
... este Brasil ainda há de ser  
um imenso Portugal ...”*

O que Rui Guerra (um moçambicano) ironizou, cumpriu-se no Espiritismo, tal como numa espécie assim de letra do “samba do crioulo doido” (Sérgio

Porto), onde o compositor aloprado de um sambanredo misturou estação à beça, e botou a Princesa Isabel como namorada de Tiradentes, Anchieta e Dona Leopoldina, lado a lado e, finalmente, “proclamou a escravidão”, misturando a proclamação da República por Deodoro, com a abolição da escravidão por Isabel.

Ignorando que para Rivail religião é religião, mas o Espiritismo é outra coisa, pois ambos não se confundem, os adeptos religiosíssimos, totalmente dependentes e carentes do velho alimento psíquico, portadores do incoercível reflexo religioso, como um tique que não se controla, aos poucos extrapolaram os limites da razão e deram total expansão aos estos da paixão, da emoção confessional, do atavismo igrejeiro e chegaram a fantasiar delirantes (como na letra do Rui Guerra), que o “Brasil ainda vai seguir seu ideal, este país ainda há de ser um imenso Portugal”, uma fatalização que, aplicada ao Espiritismo equivale a pensar e desejar ardentemente que a laica criação de Rivail ainda vá se transformar numa “imensa religião”, única e verdadeira, a religião por excelência. Que o Espiritismo ainda vai seguir seu ideal, bem entendido, um ideal deles, dos que desejam isso, não do próprio Espiritismo, que visa a bem outra coisa.

Desde Erasto fica-se sabendo que a religião é uma máscara que vai ser anteposta, sobreposta, posposta em cima do semblante real dos agressores, demudando-os, ficando estes irreconhecíveis para os que o contemplam. É como nas antigas mascaradas: “- Você me conhece?”, perguntavam os fantasiados, rosto mascarado, com voz de falsete... e ninguém reconhecia.

Quem lhes vê o aspecto, a imagem, a aparência, que são os da máscara, não sabe quem é, pois não vê o que está por baixo, a pessoa mascarada em si.

Vestir a máscara... Essa expressão lembra os



procedimentos da Inquisição, que mandava à fogueira para morrerem “piedosamente”, na linguagem hipócrita da época, “sem derramamento de sangue”, os pobres condenados sem culpa alguma, só pelo fato de serem díscolos, hereges, judeus, suspeitos de bruxos e feiticeiros.

Eles iam vestidos de peles de animais e com máscaras horríveis de papelão, as feições cobertas por esses atavios, simulando as pretensas paixões de que estavam possuídos. As cabeçorras grotescas queriam traduzir o que eram os “delitos” e os “pecados” imputados que os tinham conduzido à fogueira “purificadora”.

Vestir a máscara da religião no Espiritismo era também mudar-lhe o caráter, a personalidade, fazendo-o assumir um visual que não era autêntico, genuíno, pois não era o seu.

Na Grécia antiga, o teatro incipiente usava máscaras enormes, com feições muito grosseiras para marcar os personagens, identificá-los e a seus papéis no enredo, bem como para serem vistas de longe, pois os recintos teatrais eram ao ar livre e um tanto grandes para a visão dos espectadores.

Essas máscaras vieram a ser chamadas, já na Roma antiga, de *personas*, donde saíram as palavras personagem, personal, personalidade, pessoa, pessoal, pessoalmente, personalizar, etc. Porque *persona*? É porque as máscaras, além de servirem para um fim visual, também continham megafones, espécie de cones acústicos, como porta-vozes na altura da boca e isso para ampliar a voz dos atores, fazendo-os serem vistos e ouvidos de mais longe.

No latim é *per sona*, “por onde” passa o som, “por (onde) soa (a voz)”, eis o que eram as *personas*, as máscaras que recobriam os atores, chamados em grego de hipócritas, porque *hipo* era “embaixo de”, “sob” ou “sub”

o disfarce e o ator era alguém sob a máscara, veladas as suas feições por esta, o ser real escondido pelo parecer, pela aparência, o aspecto (*kriptós*).

Sempre me soou como uma forte curiosidade essa amarração entre a frase de Erasto (“... sob a máscara de religião ...”), isto é, tomar um aspecto ou aparência do que não se é; entre isso aí e a insistente, repetitiva utilização das palavras “aspecto” e “aparência”, pelo discurso roustainguista.

O Espiritismo teria, no jargão do dissenso, vários “aspectos”, sendo três esses tais aspectos (três como as pessoas da Santíssima Trindade ou do trimúrta bramânico, donde esse dogma derivou), a saber: ciência, filosofia e religião. Isso passou a ser dito e redito, exaustivamente, como um dogma de catecismo, que de tanto repetido acaba incorporado ao inconsciente.

Etimologicamente, aspecto (também dizia-se *aspeito*) é algo só para os olhos, por *spectu*, donde “espectador”, que é quem presencia, vê alguma coisa. Não é para outro fim, senão o puramente visual, ocular, como em parte eram as máscaras teatrais, as *personas* antigas.

Mas o aspecto não é tudo. Debaixo dele há a coisa real, efetiva, o ator, que o disfarce, a *persona*, como um tapume, uma fachada, tanto escondem, mascaram.

Além desse significado de mera imagem, de aparência, algo que só existe para se ver, também a palavra significa outra coisa tão subjetiva quanto, que é um conceito partitivo, uma divisão ou desmembramento puramente ideal que se faz de qualquer coisa, numa análise intelectual para melhor entender e assimilar.

Neste segundo significado, é legítimo, é justo falar que há aspectos no Espiritismo, pois isso se diz em razão de uma separação ou distinção puramente ideais de partes que se faz nesse contexto, desmembrando subjetivamente

quando ele é uma ciência puramente, de quando se transforma também numa filosofia. Isso é válido.

Rivail era um pedagogo. Criou o contexto epistemológico, a ciência em si e também o nome dela, o neologismo *spiritisme*, formado de um radical, *spirit* e um sufixo, uma terminação *isme*. Era pois o ismo do espírito, onde se dizia, nessa simples construção, que a nova ciência e *sofia* visava ao espírito, tinha esta como seu objeto formal.

Que é o espírito? Na cultura francesa e na européia em geral, espírito é o conjunto das faculdades morais e intelectuais que definem o ser e tornam-no pensante, racional. Quem possui espírito é inteligente, lúcido, coerente, articulado, racional; não tê-lo, é ser um bruto ou uma mera coisa.

Então, o Espiritismo era a ciência que vinha estudar o espírito, tomá-lo como um objeto formal seu, o que fazia dele uma ciência psicológica, um emulo da psicologia. Por isso que espírito é mente, que mente é espírito, ou psique, ou alma, eu, pessoa, enfim: é ... gente.

Esse é o plano científico, o **ser-ciência**, quando o Espiritismo age como uma ciência como as outras, toma um objeto e o estuda, pesquisa-o, experimenta sobre ele, tudo investigando a seu respeito e depois reduzindo todo esse apurado a um quadro de noções, de afirmações e negações que definem esse contexto de conhecimentos sobre a coisa-objeto dessa ciência.

Mas esse objeto tem implicações, conotações com outras ciências, é um objeto interdisciplinar; outras ciências mais também o estudam e seus objetos prendem-se ao primeiro, inter-relacionam-se e por aí já o Espiritismo entra para o rol das ciências filosóficas, as que têm esse atributo, o de uma contatação assim difusa, abrangente, aberta, com outras disciplinas e uma interdependência com elas.

Mais um pouco e já o temos como uma filosofia mesmo, efetiva, capaz de competir com as filosofias do espírito, este outro aspecto que o projeta segunda vez no plano filosófico, esse de **ser-filosofia**, além de mera ciência.

Isso é válido, é legítimo de se dizer/pensar: que o Espiritismo tem os “aspectos” científico e o filosófico embutidos em si, isso é uma delicada operação do entendimento, se pensar assim, praticar essa partição ou divisão toda ideal a seu respeito.

Na verdade a matéria espírita é um continuum bipartite, uma continuidade dual, indivisa, um binário; não se percebe onde começa ou acaba cada uma das duas partes que o formam, a divisão ou delimitação é arbitrária, ideal, só subjetivamente existe. Isso é o que a palavra aspecto, neste segundo significado dela, contempla, diz que é assim.

Já o tal “terceiro aspecto” pretendido apenas pelos religiosistas, onde o Espiritismo seria, cumulativamente, também uma religião isto ou aquilo, este é conceito totalmente cabível só naquele primeiro significado (o de mera aparência de uma coisa, não a sua essência real, de “uma coisa em si mesma”), pois somente como uma concessão da mente que o contempla, um ato de vontade dela, bem auto-indulgente, é que permite a alguém pensar que seja verdade isso.

Rivail sempre negou tal idéia, repeliu sempre essa interpretação, vetou esse entendimento ou de haver uma pretensa valência de Espiritismo como uma religião.

No entendimento autoral, na visão de autor, o Espiritismo só é uma ciência a qual ele adjetivava de “filosófica”, de “experimental”, “positiva” e até mesmo de “moral”, esta última no sentido de que influenciava os mores, ou seja, os hábitos, os costumes, mudando-os,

tal como a ciência de Pasteur, a vacina de Jenner e Albert Sabin, a medicina atual, também mudaram os hábitos das pessoas, levando-as a ferver o leite, lavar as mãos antes de tomar de alimentos, vacinar-se contra enfermidades e a usar camisinhas no ato sexual.

Ao transportar-se para o plano filosófico, eis o Espiritismo também apreciado em tal sentido, como uma filosofia também. E há aquela coisa de sua influência moral, hoje diz-se melhor “cultural”, como um formador de novos hábitos, gerador de nova cultura, a cultura espírita, a qual é sobreviventista, é imortalista, contrapõe-se à cultura mortalista e mortocêntrica tal como Copérnico e Galileu contrapuseram uma cultura heliocêntrica à velha cultura geocêntrica de Ptolomeu.

Ciência, filosofia e influência moral (ou cultural) é nitidamente esse o elenco de aspectos (naquele significado segundo de “parte de um todo”) que licitamente pode-se listar, sem sair dos limites do pensamento autoral que colocava exatamente isso aí, sem disso se afastar.

Pensar que moral é o mesmo que religião, isto já foi um xaveco, uma esperteza própria do Brasil, a terra do jeitinho, da enganação, do “me-engana-que-eu-gosto”, um verdadeiro “um-sete-um” (alusão ao artigo 171 do Código Penal, que trata dos estelionatos).

Pretendeu-se que, por ser a religião uma inegável alavanca de transformação moral, então já as próprias palavras seriam sinônimas: dizer religião já seria dizer moral e vice-versa. Isso é demais: é uma obnubilação do espírito.

Religião é, como outra qualquer coisa cultural também é, um fator de forte condicionamento moral no sentido de *mós-moris-mores*, era assim que se dizia no latim que eram os hábitos, os costumes, os agires repetitivos, em que se faz tudo sempre igual por costume.

Por ser um fato pedagógico, a religião induzia novos mores, era moralizante, tinha influência moral.

A palavra “moral” aí é mero adjetivo. Refere o que consiste em mores, mas substantivando-se, virou uma coisa em si mesma, uma entidade conceitual, autônoma; já agora é um código, uma regra, um conjunto de rigorismos, proibições, vedações: é assim que se fala em “a moral e os bons costumes”, “a moral religiosa”, “a moral laica”, como um contexto rigorizante, emanado de alguma fonte revestida de autoridade. Toda legislação, nesse sentido, é uma moral, pois que impõe, proíbe, veta, permite, diz se pode, quem pode, quando pode ou então que não pode.

Mas esse é um fenômeno puramente lingüístico, idiomático, não tem nada a ver com a realidade íntima do Espiritismo, que não é “uma moral”, pois não visa a legislar sobre nada, nem proibir nem permitir coisa nenhuma. É apenas uma ciência, e ciências não têm tal finalidade. Só se diz que elas são “morais” quando, como nos casos já apontados, por força mesmo dos conhecimentos que elas concentram, então, conseqüentemente, as pessoas abstêm-se de fazer ou passam a praticar isto ou aquilo, unicamente porque aprenderam com a ciência o que lhes é nocivo ou benéfico.

Temos ainda agora um caso bem atual: as relações sexuais com um(a) parceiro(a) estranho(a), mal conhecido(a), que não se sabe se é um(a) portador (a) de vírus da AIDS; exigem o uso do preservativo, a camisinha, pois sem isso é imenso risco.

Isso não é imposto por um item de certa legislação moral, proibitiva de relações sexuais sem camisinha, quer dizer, não há uma moral rigorizando que só se faça sexo com camisinha, não, mas a própria consciência das pessoas é que, edificada pela medicina, já se abstém de

o fazer, como também já não faz mais uma porção de outras coisas: só bebe leite fervido e não o cru; lava bem as mãos após usar o banheiro; não polui o meio ambiente, etc.

Isso é produto de civilização, educação, absorção de cultura de asseio, higiene, profilaxia, ecologia e não nenhum zelo devocional imposto por alguma religião rigorista ou uma legislação penal (a não ser a legislação sanitária, os “códigos de saúde”).

As pessoas religiosas e religiosistas misturam tudo, fazem uma Babel das menores coisas, exigindo longas explicações para desfazer o nó que elas criam, com suas incríveis confusões mentais.

O Espiritismo é uma ciência que, por esses desdobramentos, também atua, opera, como uma filosofia. Ocasionalmente, também tem implicações ou conotações morais, isto é, condiciona (ou recicla) os agires, os atos das pessoas, pois as faz procurarem os centros para tomar passe, água fluidificada, ouvir estudos e participarem de sessões, não por devoção ou piedade, por religiosidade mas do mesmo modo que alguém também vai ao dentista, ao esteticista, às academias para malhar, ao médico, à escola. Por necessidade prática.

É exatamente como a ecologia, outra ciência que, por vezes, eleva-se ao nível filosófico, pois também opera na área política, formando ativistas, como os greenpeaces, os partidos verdes, embora como ciência que é, não tenha nenhuma finalidade de militância ideológica político-partidária.

Essa é uma conseqüência apenas mediata dela, pois imediatamente, o que a ecologia faz é uma educação do povo, levando-o a exigir uma melhor qualidade de vida, evitar poluir e sujar o meio ambiente, a combater a emissão de poluentes que fazem as chuvas ácidas, o famoso buraco na camada de ozônio, as epidemias por falta de

saneamento básico, as “valas negras”, os esgotos e monturos a céu aberto.

Por ser um fato pedagógico, então condiciona e avança uma consequência moral. É o que o Espiritismo faz também, por ser uma ciência tal como a ecologia.

Esses são os aspectos genuínos do Espiritismo, admitidos por seu autor; esta é a visão autoral.

Agora, pensar que por isso haveria nele um “aspecto religioso”, ou que o aspecto moral, isto é, os mores novos que dele surgem, já sejam, forçosamente religiosos também, isso já é um chute, um abuso, um ato de leviandade intelectual, sem nenhum fundamento no pensamento autoral, algo que só ocorre por conta de quem afirmar isso.

Foi o que se colocou realmente na raiz do dissenso roustainguista: porque roustainguistas acham que o Espiritismo só é legítimo se for uma religião, então dá-se o discrimine, o dissenso, a discórdia. Já que em Rivail não há nada disso, tal coisa é uma invenção, uma visível contradição com o padrão autoral.

Roustainguistas usam muito essas duas palavras: aspecto e aparência. O aspecto seria isso, aproveitando que em tudo nesse mundo pode-se dizer que há aspectos, pois é como alguém vê ou entende disjuntivamente, pessoalmente, uma certa coisa; isso é um fato tanto visual como intelectual, então, o Espiritismo é visto/entendido por essas pessoas religiosas como sendo mais uma religião. Como é que se pode derrubar isso? Ninguém pode. É uma questão de opinião, de ponto de vista e de gosto também.

Não se pode proibir que alguém veja/entenda uma certa coisa de um modo muito particular e pessoal seu, mas isso só para seu consumo próprio, em seu foro íntimo, pois se ela vê de um jeito impropriedade e infundado na realidade e quer impor essa fantasia sua a



terceiros, então isso já é um abuso, um autoritarismo que viola a liberdade de consciência alheia.

Ver uma religião onde só há legitimamente uma ciência, isso é questão de gosto, de opinião ou então de desinformação, um ponto de vista. Quem embarca nessa e nisso se compraz para si próprio, tudo bem. Mas não pode é querer impor a outros essa sua fantasia pessoal, senão acaba “proclamando a escravidão” e fazendo “o Amazonas desaguar no Tejo”.

Tudo o mais que se disser a respeito do roustaingismo começa e acaba aí: é uma concentração de pessoas opiniáticas e religiosas, que não distinguem onde acaba o subjetivismo e começa a realidade.

Isso se verifica a qualquer hora no uso que fazem da palavra “aparência”, que é muito freqüente na filosofia como um conceito distinto e contrário de “essência”.

Essência, para muita gente, não passa de um sinônimo de perfume, de qualquer substância odorífera, não é? Mas também se diz que exemplares vegetais, como arbustos, árvores, pés disso ou daquilo, plantas, são essências; são essências vegetais, pois essa palavra é um sinônimo perfeito, em português das palavras “ser” e “indivíduo”.

Dizer “essência” ou então “ser”, o ser- indivíduo, espécime, exemplar, é a mesmíssima coisa. Em bom português, está-se falando também aí da própria alma, que é a parte essencial, isto é, mais efetiva do ser, da pessoa. Alma e essência também são sinônimos.

Mas a aparência já não é a mesma coisa. É como uma certa coisa ou ser são vistos por um observador, é como esse objeto aparece, fica aparente, visualmente, a quem o observa. E há uma diferença muito grande, às vezes, entre o ser e o parecer: “nem tudo que parece é”. Por isso é que se distinguem os dois termos: a essência

(o mesmo que o ser), da aparência, que é a imagem, a forma, o exterior, visualmente acessados por outros.

Na linguagem teológica, diz-se que a hóstia é a aparência, mas que a essência é o Corpo de Cristo, uma realidade essencial por trás da forma aparente.

Tenha paciência, caro leitor, que esta não é uma digressão sem proveito, não é nenhuma divagação minha, mas uma preparação para se entrar no âmago da questão roustainguista. É o estudo do jogo de palavras que está contido no uso desses dois termos, os de “aspecto” e “aparência”, tão repetitivos no roustainguismo.

Do mesmo modo insistente, pedagógico, pela repetição, que a Igreja tanto fala que a hóstia é a aparência de uma essência (a eucaristia, a transubstanciação, o Corpo de Cristo), também o discurso roustainguista persevera nesse estribilho, de que o Cristo não teria encarnado, não havia tomado um corpo carnal e nascido normalmente, não; mas que apenas teria tomado uma aparência que a humanidade via e ouvia, ocasionalmente também tocava, aparência essa que estava para a essência (o Espírito dele) como a hóstia está para o próprio Corpo de Cristo.

Indo nesse mesmo rumo, acrescentava que, para manter esse jogo de aparências, a mãe (Maria) da suposta criancinha (na verdade esta era apenas uma “aparência de criança”) quando o aleitava, o leite dela era sugado mas, como não era um petiz real e sim só um simulacro, então em seguida era “desmaterializado” e disseminado no espaço, pois tudo era “aparente”.

De simulação em simulação, o Cristo, quando partia o pão e o comia, quando bebia o vinho na libações, também não se alimentava de fato, apenas aparentemente, visto não necessitar disso: tomava apenas o aspecto de quem comia e bebia; não o fazia realmente.

Ora, para ficar dentro do discurso roustainguista, esse formidável aparato de simulações era contínuo e durou até a crucificação e a morte desse ator constante, como um hipócrita (no bom sentido da palavra, pois esta significava apenas o ator que está “debaixo da máscara”, no palco) sob a aparência carnal toda fictícia.

No teatro, a essência é o hipócrita ou ator, sob a aparência que é a máscara, a *persona*, a caracterização. O que a platéia vê é a imagem, a aparência, a *persona* (ou personagem) e não a essência, não o ator, pois este hipócrita em si mesmo é invisível, já que está coberto pela *persona*, a máscara.

Destruindo essa argumentação, Rivail simplesmente usou os fatos disponíveis: o que todos sabem, todos repetem é que Jesus morreu na cruz. É assim que se descreve sua trajetória terrena: anunciação, nascimento, vida, paixão e ... morte. Se morreu é porque estava vivo; se estava vivo é porque nasceu, donde o dado positivo emanado da única fonte que trata do assunto, os Evangelhos, é de que Jesus nasceu e, portanto, usava um corpo carnal; e que morreu como todos os demais seres vivos. Tinha, pois, uma natureza humana normal.

Depois dessa simplória abertura, Rivail aprofunda e faz uma observação peregrina: depois da morte, sim, (in “A Gênese Segundo o Espiritismo”, cap. 05) é que a natureza do Cristo demuda, difere, torna-se justo apontar nela algo divergente do normal humano.

É que depois de morto, em revivendo, ele torna-se irreconhecível até para seus mais íntimos, o que é um dado curioso encontradiço nas materializações de espíritos.

O olhar, os modos, o semblante, a voz, tudo nesses *revenants* é diferente e suscita dúvidas, apreensões, se são mesmo quem dizem, se são efetivamente seres humanos. Este é um dado muito positivo e que emerge

do cotidiano das sessões de materialização, é um dado experimental. Espíritos materializados não têm exatamente a mesma aparência de pessoas biológicas, nascidas e ainda não desencarnadas. São diferentes.

Por isso são chamados de agêneres, revestem o que eu chamo de “quasorgs”, pois o corpo aparente deles é só uma aparência mesmo, não uma essencialidade, são **quase-um-corpo** e não um corpo efetivamente. É útil para mim chamá-los de **quasorgs** para assinalar que a aparência corporal formada pela ectoplasmia não constitui efetivamente um ser biológico, deste tem apenas o aspecto, o visual, é só um “quase organismo”.

Aí Rivail emerge como o grande analista: se Jesus, do nascimento até a morte, tinha todos os sinais típicos da natureza humana comum, parecia uma pessoa como as outras, já depois da morte, estadeava outra aparência, ficou diferente, como os agêneres (os quasorgs ou espíritos materializados) são diferentes nas sessões.

Embora a essência (o Espírito) seja sempre a mesma nas duas fases, já o corpo (ou seja, a aparência), já não é mais. Antes era um organismo biológico material, formado pela reprodução humana; agora é apenas um quase-organismo, um quasorg, uma formação não mais biológica, mas só ectoplasmática, a objetivação do perispírito do espírito, uma mera aparência que, às vezes, reveste tangibilidade.

Aqui é que se desenha o gênio de Rivail: para este, Jesus, como qualquer outro homem ou mulher, tivera o seu perispírito em vida, ocultado e resguardado pelo corpo carnal. Após sua morte, porém, perdido este invólucro corporal, o perispírito tornava-se visível e, às vezes, tangível, reproduzindo a aparência do antigo corpo físico até o limite do “quase”, como um quasorg, um quase-organismo corpóreo.

É exclusivamente assim, dentro desses limites, que se pode falar que Jesus teve um “corpo fluídico”. É quando estamos referindo o perispírito que ele tinha em vida, impossível que não tivesse, pois é uma fatalização. Se trata-se desse perispírito, em linguagem figurada como um “corpo fluídico”, já que não é material, então a expressão aspeada fica mais aceitável, mas não com a extensão que o roustainguismo lhe quis dar.

A vigência do outro conceito inicial, o roustainguista, de um “corpo fluídico” puro, capaz de assumir e revestir funções e estados que aparentavam serem os de um corpo carnal, fica assim restrita apenas ao período da ressurreição, à fase pós-óbito em que o Cristo permaneceu como um desencarnado que se materializava, sem corpo físico, em condições compatíveis com sua suprema evolução.

Na fase anterior a essa, a de vida corporal plena, que é a que vai do nascimento até a morte, o conceito fica válido apenas se com ele se quiser referir o próprio perispírito, pois esse tal elemento, todos os encarnados sempre têm, como um substrato do corpo carnal e Jesus não parece ter sido exceção a essa regra.

Enquanto vivo, teve pois, Jesus, o seu perispírito e o seu corpo carnal como toda gente, mas uma vez desencarnado, já aí apresentava-se apenas com o invólucro perispiritual semi-materializado, tal como ordinariamente fazem os agêneres.

Essa explicação de Rivail tem o mérito de poupar a idéia de um chorrilho de petas e mentirinhas, vida toda afora do Cristo, de simulação em simulação, uma farsa com truques e efeitos especiais para manter a ilusão de que o pretendido “corpo fluídico” roustainguista era igualzinho a um corpo carnal, sem o ser de fato.

Na versão roustainguista, exige-se essa violência à

lógica e à naturalidade. Que o Cristo se prestasse a essa comédia de imposturas e fingimentos, enganando a todos e aparentando sofrimento e agonias que em verdade não sentia, pois os quasorgs ou agêneres nunca sentem nada, pelo menos nunca fisiologicamente.

Restaria a saída apelativa, sempre bastante usada de que o sofrimento do Cristo seria apenas de ordem moral, não exatamente físico. Mas essa é uma saída de sofista; se só agora se está explicando isso, é porque o tempo todo a humanidade foi mantida enganada, o que não destrói, apenas reforça que o tempo todo houve aquela ilusão, aquela enganação, algo incompatível com o caráter sincero, autêntico, que todos atribuímos ao sublime Jesus de Nazaré.

Temos, então, num apanhado final, conclusivo, que o dissenso roustainguista fala de aspectos e aparências, que simulariam uma verdade inexistente, só de fachada, mas já o padrão rivailiano de explicação dos fatos coloca outra realidade muito mais plausível: que nunca houve simulação nenhuma, que Jesus era, em vida, um ser biológico como todos os demais encarnados, e que outra vez “como todo mundo”, só após ter desencarnado é que veio a permanecer, algum tempo, como um repetitivo agêner, para fins de estudo e comprovação de sobrevivência pessoal.

O dissenso roustainguista vai contra os fatos conhecidos. Quero dizer com isto é que o texto dos evangelhos não abona a explicação fluidista, bem como uma análise puramente moral, levando em conta o caráter ético dessa explicação, também a reprova.

A tese rivailiana é não só factual, como também eticamente aceitável, está em harmonia com os fatos e com a avaliação moral.

Em geral, todos os críticos de Roustaing param por

aqui, após terem esclarecido quais as duas posições antagônicas e se pronunciarem pela tese rivailiana, chamada por eles de “kardecista”.

Mas me permito ir adiante e começo a perguntar porque tanta gente, mesmo assim, se empolgou tanto com o discurso rustenista, se ele era tão divergente dos fatos e tão vulnerável do ponto de vista ético-moral?

É que a coisa não é tão simples assim como se pensa e precisa-se dizer de que “fatos” se está falando, dos quais o rustenismo está tão divergente e já Rivail está muito mais convergente com eles.

Se esses fatos usados como referências são aquelas fontes dos evangelhos, tal como Rivail fez (ele puramente tomou essas referências, o relato dos evangelistas para armar sua argumentação), então é uma coisa; mas se os fatos que se pretende usar não são só esses e sim mais outros; se introduzem novos referenciais, já a situação muda.

Na verdade não se pode ser tão simplista como eu coloquei, pois a investida rustenista não teve nenhum simplismo, ela é complexa. Complicou justamente para ficar mais forte e mais dificultar os desmentidos e refutações de Rivail, que não poderia realmente produzi-los à vontade, porque havia as limitações da época e da cultura em que viveram.

Os espíritos enganadores que tapearam Roustaing, manearam com maestria certos limites conceituais e científicos, certos limites de significação de palavras, enquadrando-se na previsão e denúncia que Erasto deles fez, de que misturariam “dissertações sabiamente combinadas” com “citações piedosas”, isto é, juntariam erudição e papos mateotécnicos (enganadores em linguagem técnica e científica) com misticismo e apelos pios.

Começaram usando uma expressão típica de

linguagem científica da época, usada por Rivail também: fluidos, fluídico, fluidismo.

A ciência da época (entre 1857 e 1866 e anos seguintes) vivia sua fase fluidista, falava de fluídos, pois era uma quadra mecanicista que vinha do século XVII, havia encorpado no século XVIII e ia declinando, na verdade agonizava já, naquela altura do século XIX, tanto que, dali a pouco, em 1881, um experimento crucial de Albert Michelson a iria encerrar, mostrando que o fluído dos fluídos, o fluidão que era o éter, simplesmente inexistia, ou pelo menos era impossível de se demonstrar. Foi a pá de cal no fluidismo e no mecanicismo, a apenas vinte e poucos anos depois da codificação. Logo depois, nasceu a era das teorias quântica e relativística.

Quem usava ainda essa linguagem mecanicista e os referenciais fluidistas, estava pois, imerso no clima conceitual da época. Acreditava que havia o flogístico (o fluído do fogo) e o calórico (o fluído do calor), bem como o fluído vital (o da vida), o fluído nervoso, o mesmérico, o od, e o éter, bem como os fluídos ditos materiais que eram a gravitação, a eletricidade, o magnetismo (então pensados separadamente ainda). Essas eram, aproximadamente, as fronteiras do mecanicismo e do fluidismo, separando estes ismos dos seus opostos.

Em medicina, além daquele princípio vital (o fluído da vida), cria-se que havia o fluído nervoso (algo que perpassava pelos nervos), bem como os fluídos que conduziam as doenças, como os eflúvios, as emanações mefíticas, os maus humores (substâncias fluídas que permeavam os órgãos) e o magnetismo animal e humano, o de Mesmer, diferente do magnetismo mineral, que era estudado pela física.

Ora, Rivail bracejava nessa piscina de lama, movendo-



se com imensa dificuldade intelectual nesse universo de erronias, a caminho célere de desmentidos e desmitificações, mas tendo ainda de ater-se a elas (as palavras-chaves), pois era o que havia para crer, saber, usar, ensinar, sobretudo ensinar, já que ele era um professor.

Duvido que sua mentalidade poderosa se contentasse em pensar chãmente essas noções tão precárias e pobres, que os fatos e descobrimentos novos iam irreversivelmente derrubando. No seu íntimo de pedagogo, devia ter, tudo indica que sim, nenhum apego a essas incredibilidades, muita restrição a elas.

Uma prova disso é que no Livro dos Espíritos pespegou a pergunta célebre que se desdobra sob os números 29 a 32 e que levanta fundada crença em nós de que Rivail não tinha nenhum compromisso com o nível propriamente fluidista-mecanicista de sua época. Quem pergunta aquilo bem parecia já estar pensando na contramão do seu tempo.

Outra robusta prova de que Rivail não compartilhava do geral pensado então, foi o texto chamado “A Teoria da Presciência” (in: A Gênese/Revista Espírita), quando dá mostra insofismável de que, para ele, espaço e tempo eram já, então, o que só depois de Einstein se consagrou: meras categorias de percepção que a mente faz da realidade, dados relativos, e não dois absolutos, não duas coisas-em-si, reais, externas à mente.

Que Rivail pensava em termos relativísticos, parece demonstrado nestes dois exemplos. A identidade entre massa, energia, forças e matéria, reponta daquelas perguntas assinaladas no Livro dos Espíritos e a identidade entre espaço e tempo, extensão e duração, ressalta do outro texto apontado.

Em suma: os dois continua (este é o plural de continuum) einstenianos de massaenergia (substituindo

os conceitos antes separados de massa, energia, forças e matéria) e de espaço-tempo a quatrodimensões (substituindo os dois antigos absolutos de espaço euclidiano e tempo, discretos) são perfeitamente enquadráveis como pensares rivailianos. Com a antecedência de sessenta anos.

Mas pensar uma coisa não é, nunca já, o, poder dizê-la, enunciá-la e proferi-la abertamente, doutrinalmente, de modo rasgado, não! Não é a mesma coisa. Saber um certo dado não é exatamente, já o poder externar isso a toda gente. Há uma distância imensa, feita de elaboração, verbalização, demonstração, comprovação, pesquisa, documentação. Rivail podia até pressentir que uma renovação imensa se travava na ciência mundial, mas não era nenhuma obrigação sua ser o arauto dela. Sua contribuição para esse evento limitava-se a um ponto crucial: o de destruir a cultura mortalista, finitista, limitista de que a morte era o fim da vida, substituindo-a pela cultura sobreviventista, imortalista do Espiritismo.

Em geral não se faz muita idéia das dificuldades terríveis que Rivail encarou para exercer seu mandato. A comprovação de que havia o espírito, que esta não era uma mera função do cérebro e das glândulas, mas que tinha existência autônoma do corpo, de que era uma coisa-por-si, essa foi uma tarefa de gigante, difficilima, até hoje ignorada pela ciência acadêmica.

Se o espírito existia por si mesmo, logo não dependia do corpo para existir, então sobrevivia a este; ele podia continuar sendo, existindo, mesmo após a dissolução orgânica. Nesse caso, em que espaço isso se dava: era no próprio espaço euclidiano a três dimensões?

O problema que acarretava essa pós-vida do espírito, depois de sua separação do corpo, era imenso: em que espaço ocorria essa contra-vida do espírito, se só se admitia então a geometria euclidiana tridimensional e

policida por um formidável Cérbero: o princípio da exclusão?

No espaço euclidiano, dois corpos não podem ocupar simultaneamente o mesmo lugar, esse é o princípio da exclusão, de que um corpo, localizado numa certa posição, determinada pelo cruzamento das três coordenadas espaciais euclidianas (comprimento, largura e altura ou espessura), isso impede, exclui que outro corpo possa coexistir com ele ali, ao mesmo tempo.

Mas os espíritos pareciam violar essa regra e era comum que os seres humanos desencarnados passassem através de portas, paredes, interpenstrassem até os corpos dos encarnados, numa transgressão contínua do sagrado princípio euclidiano. O que não acrescentava muita credibilidade à teoria espírita de que o espírito existe por si e sobrevive ao corpo.

Por isso Rivail encarecia tanto o jargão fluidista, falava do perispírito como um “corpo fluídico”, pois era tanto capaz de penetrar, como ser penetrado, tal como o fluidão “éter”, que penetrava tudo e nenhuma resistência opunha ao movimento de nada, em seu seio. Manejava conceitos e imagens muito caros ao nível científico da época, só para poder passar a tese espírita, visivelmente destrutiva de tal nível.

Mas a rigor o perispírito não tinha nada a ver com os fluídos, realmente, e sim com outra teoria que vinha emergindo, chegando, assomando. O perispírito não tinha nenhuma corporalidade, efetivamente, era sim um campo, isto é, uma porção de espaço freqüentada, ocupada (em uma nova idéia chamada de “campo”), por um conjunto de elementos disseminados em sua extensão, algo que o mundo iria esperar sessenta anos até que Planck e Einstein, de fato denominassem e conceituassem a partir de Faraday e Maxwell, Lorentz.

O espírito era algo, era uma coisa não perceptível

sensorialmente, mas que mostrava-se existente por seus efeitos, apreensíveis somente a outro espírito. Para ser apreciado objetivamente, revestia-se de um campo, o perispírito, uma zona em derredor de si onde influía, atuava mais ou menos como são as linhas de força do espectro eletromagnético, em torno de um fio condutor de certa carga ou de um dipolo (um ímã).

O perispírito chegou a ser pensado conotativamente como um corpo, só que fluídico, o que recaía na linguagem fluidista-mecanicista, esta incompatível com a espiritualidade, com a natureza do ser-espírito. Mas o conceito em si já torna-se absolutamente compatível com o de “mente”, o conjunto de funções que subsiste independente de qualquer massa-matéria, sempre associado ao campo perispiritual. A mente nucleia o perispírito, este objetiva a mente ou espírito, delimita-os espacialmente.

Essa era uma linguagem impossível de ser então usada por Rivail, que seguramente não dispunha dela em seu tempo. O conceito atual de campo tardou e só se efetivou depois de sua morte, e o de mente ficou pendente até Freud formalizá-lo.

O espírito como um rigoroso sinônimo de mente, um conceito residente numa extensão ocupada por um campo, eis um dado que só é pós-rivailiano por uma questão meramente cronológica, mas eis uma noção que é inseparável de Rivail. Nitidamente, isso é que era pensado por ele todo o tempo. Só não o enunciou nestes exatos termos porque não era nenhum adivinho, nenhum prepósteros.

Mas os sagazes enganadores de Roustaing entraram por essa brecha e preposteraram, usaram da espertíssima mágica de fixarem uma teoria que manejava noções futuras e então ainda nem pensadas, por ninguém, para viabilizar

uma profunda desinformação e impedir desmentidos a ela.

Em termos de ciência relativística, tudo, mas tudo mesmo, sem nenhuma exceção, de fato nenhuma materialidade tem, pois é tudo fluidíssimo, no fundo, se quiser-se pensar isso, generalisticamente.

É só fixar-se na idéia de que não há matéria; só há massaenergia, um conceito einsteniano e planckiano também, que combina, se quiser-se, até certo ponto com o fluidismo; é um modo conotativo de dizer que tudo é fluído.

Nesse caso, usando essa licença conotativa, dizerem os obsessores roustainguistas que o corpo de Jesus era fluídico não tinha nenhuma novidade, **se**, e exclusivamente **se**, também **só enquanto** ficarmos restritos ao sentido específico da massaenergia dos campos quantizados.

O corpo de qualquer um, seja Jesus ou Barrabás, é só uma porção de massaenergia distribuída em níveis de organização que vão dos órgãos, dos tecidos, das fibras e células, aos das moléculas e átomos, bem como dentro destes, os nucleons deles às partículas e sub-partículas, que são os quarks e antiquarks, tudo vibrando, orbitando núcleos em remoinhos de quanta, ocupando um certo espaço, um campo.

Dizer que isso aí é um corpo fluídico pode ser tanto uma verdade como não. Depende do sentido em que se está usando as palavras “corpo” e a expressão “fluídico”.

Os espíritos rustenistas usaram o discurso típico deles, de aspecto, aparência, fluídos, etc., porque queriam criar dificuldades para Rivail refutá-los. De fato, a matéria densa, fisiológica, não passa de uma aparência, um aspecto puramente relativo que é tomado pela galáxia de partículas quânticas, de massaenergia remoinhando dentro do campo que circunda a mente encarnada, o seu perispírito (isso, é claro, no caso específico dos seres humanos, talvez seja até

genérico de todo os membros da biodiversidade).

A essência de cada indivíduo, e que é a mente ou espírito dele, no fundo desse campo massaenergético onde se confundem o perispírito e a matéria biológica, essa essência aí é inabordável aos observadores; o que dela se vê é só a sua aparência, que é o corpo denso, comum das pessoas.

Jogando com esses dados reais, tanto num nível, o mecanicista, quanto no atual, quântico-relativístico, os enganadores que desviaram Roustaing criaram uma difícil situação para as refutações de Rivail.

Era a chamada “sinuca de bico”, quando alguém fica num dilema, ou faz isto ou faz aquilo, dá no mesmo: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Se Rivail, por amor a seus pensares relativísticos, que em tudo prefiguravam o nível futuro relativístico quântico que já ia despontando (dali a apenas dois anos, 1867, Maxwell publicaria o seu “Tratado de Eletromagnetismo” onde introduzia justamente o conceito de campo e onda, unia os três territórios: eletricidade, magnetismo e óptica), se Rivail refutasse de bate-pronto, de primeira, o que o rustenismo dizia, correria um risco imenso; o de perder o bonde da história e ficar desacreditado dali a cinco, dez, quinze, trinta anos, quando o novo nível relativístico-quântico afinal vingasse, se impusesse.

Vamos clarear isto. O roustenismo dizia que Jesus tivera um corpo fluídico o tempo todo, do nascimento até a morte, aliás, que até nem nascera, pois nascer é tomar biologicamente um corpo carnal entrando na biodiversidade, e era isso justamente que se recusava que tivesse acontecido.

Ora, falar em “corpo fluídico” era exatamente o discurso rivailiano também, mas isso referindo-se só ao conceito de perispírito, amavelmente sabido que os

agêneres eram espíritos desencarnados numa situação toda especial, que transitavam com seus perispíritos temporariamente materializados ou semi-materializados, com aparências de encarnados comuns, mas na verdade não usavam organismos reais, biológicos e sim quasorgs, corpos fluídicos, apenas solidificados na aparência, mas no fundo, segundo a linguagem da época, sempre só fluídicos.

Vai-se ver e então o rustenismo apropriara-se da linguagem rivailiana e usava as palavras e conceitos desta para poder passar sua própria ideologia, que era contraditória e inconciliável com a teoria espírita genuína.

O que Rivail colocava era uma figura de linguagem, uma certa força de expressão impossível de não ser usada, pois era a única disponível na época, de que há corpos fluídicos, isto é, uma porção de espaço em derredor da mente ou espírito que era ocupada por algo, um certo quê, que já não era mais a matéria e também ainda não era espírito. Era uma coisa intermediária, semi-material, que à falta de outra definição chamava-se de “fluído”, consoante o jargão científico da época.

E porque Rivail, ao invés de falar de fluídos, não usava a palavra “energia”? Dizer que o perispírito era “um casulo de energia” em torno do espírito (*peri* = em, **perispírito** é exatamente isso: “em torno de”) seria uma forma eloquentíssima, cairia como uma luva, dizendo exatamente o que Rivail queria: que havia em torno do espírito um invólucro não material, de cunho energético, tal como o espectro eletromagnético em torno do fio condutor ou de um dipolo (os ímãs), é apenas isso também, linhas de força, algo bem fluídico.

Tudo bem, seria válido isso. Só que naquele tempo (1855/1857), quando o conceito de perispírito foi criado por Rivail, ainda não se achava disponível para uso corrente a palavra “energia”. Isso só aconteceu mais para

o fim do século, mais ou menos em 1880, por aí, e Rivail, repito, não era um adivinho (desencarnou em 1869). Portanto, ele não poderia ter usado uma palavra e um conceito que não tinham sido divulgados ainda, nem mesmo entre os físicos da época.

Por volta de 1807, Young (êmulos de François de Champollion por co-autor da tradução da “Pedra da Rosetta” e também físico com extensa bagagem de pesquisa sobre a luz, a óptica) manejava já a palavra “energia”, pô-la até em circulação, mas ela só emplacou mesmo 60 ou 80 anos depois, já bem no *fin du siècle*.

O conceito de perispírito é, nitidamente, de modo insofismável, um conceito de campo, pois o que está *peri*, está “em torno de”, é circundante de algo, circunvolvente, tanto só no plano (bidimensional) como no tridimensional.

O conceito de campo, que só se consolidou em física após Maxwell (pós 1867), já era usado e conhecido desde a Idade Média. Basta lembrar a heráldica, onde a palavra começou a ter um segundo significado além do primeiro, o nativo dela, que é desde o latim o agrário (*campus, fundus, ager-agri*, qualquer extensão de terra cultivável).

Hoje, em eletrônica e informática, maneamos o significado heráldico associado ao de física. Dizemos “os campos” do cartão, do disco magnético, da fita magnética, como lugares, pontos em que há um número qualquer de gravados de bits para um cabeçote ler. Esse é o conceito mawelliano, que só se fixou muito após 1867, ano em que saiu o “Tratado de Eletromagnetismo”.

Portanto, Rivail não podia usar a palavra energia com a amplitude que hoje lhe damos (até erroneamente) simplesmente porque ela, em 1857 ou 1860, ainda não se achava disponível: ou se dizia força ou se dizia matéria,



além de fluídos, havendo ainda a considerar a questão idiomática ou lingüística nacionais, que se sobrepunha à questão propriamente científica. A França e a Inglaterra eram dois universos culturais bem separados, suas culturas tinham valores próprios e linguagens bem demarcadas, o que era lançado num meio nacional não era imediatamente assimilado pelo outro país, havia turras e vaidadezinhas de permeio.

Thomas Young em inglês, o que dizia não colava em francês.

O que rolava na Royal Society nem sempre ecoava na Academie Française na Ecole Polimatique.

A própria cultura científica e filosófica espírita padecia dessa fronteirização; o que era chamado de um modo na cultura anglófona (*new-spiritualism, modern spiritualism, etc.*) precisou ser chamado de modo diferente na área francófona por Rivail: *spiritisme*. E conceitualmente ou doutrinariamente também houve o fosso: americanos e demais anglo-saxônios, inclusive outras culturas nacionais, ficaram detidos numa apreciação místico-confessional, enquanto que Rivail rasgadamente rompeu com isso e optou pela forma científica e filosófica laicas.

Então, Rivail ter chamado de perispírito ao que hoje diríamos com muito acerto “um campo”, o “psicossoma”, “psicosfera”, ou “um casulo de energias”, foi contingência de época e talvez de cultura nacional.

Muita gente ainda hoje diz que o espírito é “uma energia”, que Deus é “uma energia”, sem medir a bobagem do que está dizendo. Energia é quase o mesmo que matéria, são dois estados alotrópicos de uma substância primordial; quer dizer: sai de uma e entra na outra, são mutuamente reversíveis entre si. Diz-se com mais propriedade que há uma “massaenergia” englobando tudo num conceito/palavra só.

Mas se é assim, então isso não inclui o espírito, que fica de fora como um terceiro elemento universal além dos já admitidos generalisticamente: no universo, no cosmos, há o **espaçotempo** e a **massaenergia**; já o espírito é um terceiro elemento, do qual Deus é a maxi-expressão e onde as almas dos seres vivos, os espíritos, criaturas d'Ele, são a mini-expressão. Por isso a erronia, a impropriedade daquelas duas afirmações do parágrafo anterior.

Se Deus e a alma, fossem formas de energia, parte da massaenergia, seriam sujeitos a entropia, a alterações, já não seriam o espírito, não gozariam de perfeita não-materialidade.

Voltando a Roustaing, os espíritos que o confundiram eram sofistas e religiosíssimos, propuseram uma linguagem e um ideário que na superfície repetia Rivail naquilo em que este já repetia o nível científico de então (os fluídos etc.), mas introduziram conceitos novos, futuros, que eles deveriam saber que já estavam apontando e iriam breve prevalecer. Mas como Rivail ou não sabia disso, ou mesmo que soubesse não podia ter acesso a eles, visto não haver nem palavras para traduzi-los, a esses conceitos; então não podia opor contestações, não podia acompanhar seus adversários nem mesmo para os refutar.

Ficava parecendo que os espíritos rustenistas eram “mais avançados”, pois falavam de algo “mais científico”, aproveitando finas circunstâncias de casualidade, como essa que logo adiante vamos agora encarar. E foi por isso que mentes privilegiadas intelectualmente, mas ainda religiosos como os roustanistas históricos, aderiram ao dissenso.

Rivail não apanhou bem a fase das ditas “materializações”, uma forma de fenômeno que ele muito pouco acompanhou, pois a grosso modo é-lhe posterior. O máximo que ele alcançou foram as aparições “tangíveis”, como as chamava, as de Home,

principalmente, pois este grande médium, embora escocês (logo, de outra cultura nacional) era internacional, viajava muito. Visitou a França e fez-se amigo do Imperador Napoleão III e da Imperatriz Eugenia de Montijo, que também eram amigos de Rivail, pois este freqüentava as Tulhérias.

A fase de Home foi até mofina, incipiente; o quente mesmo veio depois, com Croockes, Richet, Delanne, Gibier, Aksakoff, Zollner, com as grandes médiuns de uma mediunidade que Rivail também não manejou muito bem, a ectoplasmia. A Madame d'Esperance, Eva Carriere, Marta Beraud, Eusábia Paladino, e os homens Klusky, Sladè, Eglington, tudo sem falar das gigantes do começo heróico, as irmãs Fox, Florence Cook também.

Por tudo, a materialização desenvolveu-se um tanto à parte de Rivail. Este não aceitava muito bem esse tipo de fenômenos, talvez porque como filósofo e pedagogo que era, não lhe era sabia muito bem o ramo, não fazia seu gênero, havia um cheiro assim de inferioridade e primitivismo, de baixaria em tudo aquilo. Para ele, só espíritos de muito baixa condição é que prestavam-se ao trabalho, embora as suas finalidades sublimes.

O fato é que, o grande evento que foi uma materialização que durou cinco anos, de 1861 a 1865, em Boston, da famosa Stela Livermore, um espírito de mulher que materializava-se juntamente com outros, como Benjamim Franklin por exemplo (a médium era Kate Fox), bem como os fortíssimos casos de efeitos físicos sensacionais que permearam a vida do grande Lincoln e encheram as sessões espíritas na Casa Branca, tudo isso passou ao largo de Rivail, perfeitamente distanciado deles e sem registrá-los na Revista Espírita.

Quando o professor lionês morreu (1869, 31 de março), dali a dois anos armou-se a sensacional escalada de

eventos de materialização, começando pela Florence Cook e as irmãs Fox, que foram trabalhar com Crookes, bem como, já um tanto mais à parte, a Madame d'Esperance e outras.

Crookes operou fiscalizando como físico de 1871 a 1874, quando parece que desinteressou-se do assunto e prosseguiu apenas como cientista comum, podendo então inventar e descobrir tudo o que o tornaria, depois, famoso, glória da ciência mundial. Ao contrário do que os seus detratores tanto sustentam, de que Crookes depois dessa fase decaiu, declinou, o fato é que foi o contrário. Até conhecer a pesquisa mediúnica ele não era muito grande, mas tornou-se o descobridor do tálio, inventor do tubo catódico (o avozinho do atual cinescópio da TV e dos monitores dos computadores), etc., justamente depois. Não houve o propalado declínio intelectual, mas uma ascensão, até. Crookes tem sido alvo de injustas depreciações, mas os historiadores de ciência mais honestos e confiáveis, situam-no como um dos precursores e determinadores da revolução relativística e quântica, da eletrônica e da física nuclear, precedendo os grandes físicos do último quartel do século passado e do primeiro deste.

O fato é que com Crookes, muito mais do que com qualquer outro (Aksakoff, Richet, Geley, Zöllner, etc.) é que a materialização floresceu e tornou-se um ramo consistente de investigação sobre o *another world, another life*, o “au de lá”, essa *la vie d'autre tombe*, aquilo que eu chamo de contravida e Rivail chamava de vida espírita, de erraticidade e que Zöllner (Johann Karl Friedrich Zöllner, (físico, astrônomo, 1834, 1882, espírita também) chamou de “quarta dimensão” (*vierte dimension*).

Ora, foi isso precisamente que Roustaing sacou do seu baú de argumentos sofisticados soprados pelos seus

obsessores. Que Rivail estava defasado, “ultrapassado” pelos acontecimentos, que havia materializações longas, algumas foram mesmo longuíssimas, e que Jesus podia sim, muito bem, ter sido um agênera vida toda, pois o anjo de Tobias também fôra, etc.

Rivail havia sustentado que agêneres são efêmeros, alguns só de fugaz duração, nunca praticam atos ordinários, normais dos encarnados, que não havia exemplo de nenhuma materialização longa que durasse mais do que o espaço de uma sessão, etc. Mas Roustaing vinha rebatê-lo e exibia as provas em contrário:

1) Stela Livermore havia-se demorado cinco anos (1861 a 1865);

2) Katie King, só com Croockes, foram uns quatro anos (1871 a 1874), depois com outros experimentadores, até mais;

3) uma certa Maria, com a mesma Florence Cook, a médium, foram dez anos, uma década inteira.

A Esperance também havia materializado por lustros, certos personagens desencarnados e havia a Eusápia Paladino.

Ora, isto dito assim impressiona, pois Roustaing falava então já uns dez anos depois do decesso de Rivail, com a vantagem de quem sabia o “depois”, tendo o Mestre dito o que disse na fase do “antes”, quando sem ser adivinho, não podia descobrir o que ainda era futuro, que iriam acontecer: materializações por lustros, décadas, etc.

Roustaing estava quase na casa dos anos oitenta, no finzinho dos anos 70 do século XIX, ele desencarnou a 02 de janeiro de 1879, com a vantagem de ter conhecido e acessado experiências posteriores à morte do

Codificador, algumas que eram até contemporâneas deste, mas que ele talvez não tivesse conhecido por causa de barreiras idiomáticas e culturais nacionais (como a de Stela Livermore).

Rivail era um filólogo, um lingüista e um poliglota. Tinha acesso a pelo menos uns seis idiomas, inclusive o português, mas não acho que manejasse tão bem assim o inglês a ponto de captar a copiosa produção espírita nessa língua, daí ter ficado mais ou menos pouco informado do que havia aí.

Por tudo isso, pôde Roustaing gabar-se de que Rivail objetara o que objetou por ignorância do progresso, do avanço das materializações no mundo todo, e os espíritos que secundavam aquele (os roustanguistas) disso se aproveitaram para aparecerem como “mais modernos”, mais “à frente” do que Rivail, este supostamente “ultrapassado”.

Acresce que a ciência deu um pulo, realmente, após Rivail e do próprio Roustaing e as generalizações dela, algumas do tipo “não há matéria, só energia coagulada” muito influenciaram os numerosos intelectuais e homens de ciência, religiosíssimos, como Bitencourt e Bezerra, na maior importância que, sinceramente, vieram a dar a Roustaing e suas novidades, aparentemente “muito mais avançadas” do que a Rivail, este que parecia já com um certo ar *demodé*, assim meio *old fashion*, algo “antiguinho” era de quase cinqüenta anos atrás, então.

Daí o slogan da “revelação da revelação”, algo que muito impressiona por sugerir uma posteridade, uma modernidade de Roustaing, em relação ao Espiritismo, a Rivail, “tão antiquinhos” ainda de 1855.

Tudo isso compõe um quadro muito ideológico, tomando-se que ideologia é um processo tal de pensamento em que primeiro se supõe algo sobre certos fatos

e depois se tenta, com esse pensado, explicar os fatos, achando que realmente os explicamos, quando na verdade é o contrário: os fatos é que, atuando sobre nós, determinaram justamente esses pensares que tivemos sobre eles, por isso mesmo chamados de “ideológicos”. Então eles, os fatos, é que explicam nossos pensamentos, são o motivo de assim pensarmos e não o contrário.

Deu para entender? Aí vai um exemplo: uma pessoa pensa que “bandido deve morrer, tem que morrer, pois não tem recuperação”. É um pensamento ideológico, que supõe explicar o porquê de imensas massas de delinqüentes tanto reincidirem, perseverarem na vida de crimes, etc., parecendo então que não tem outra solução: só matando.

Na realidade não é assim. Muita gente se arrepende, descontinua da carreira criminosa, reverte. Também releva apurar o porquê de terem enveredado por aí, foram as carências alimentares na primeira infância, o meio adverso em que se criaram, o abandono, o analfabetismo, o desemprego, a má distribuição de renda e a injustiça social, etc. Então, não é o indivíduo, apenas, que é ruim, imprestável, mas o meio social que é muito indutor ao crime, é um redutor moral também. Enfim, aquele primeiro pensamento é ideológico, é muito pobre, as pessoas só o pensam pressionadas pelos fatos realmente crus de uma sociedade cada vez mais injusta e com distribuição de rendas, de oportunidades, muito perversa.

Por isso que as pessoas que se acham “boas” e desfrutam de condições sociais, econômicas e culturais favoráveis, tendem a pensar ideologicamente que bandido é lixo e aí acham que sua ideologia é que tudo explica, quando na verdade ela é explicada pelos fatos.

Muito pouca gente sabe que Rivail disse no livro “A

Gênese” aquilo que já referi, de que Jesus parecera vida toda uma coisa, um ser humano comum, e já depois de morto, bem outra coisa, que nesta segunda fase parecia um agênera.

Portanto, quando roustanguistas afirmam que “Rivail confirmou Roustaing” estão exagerando, isso não se deu: Rivail nunca confirmou Roustaing, mas restringiu, limitou a idéia roustanguista de existir um corpo fluídico em Jesus apenas ao conceito comum, vulgar, do perispírito, que é conotativamente referido como, primeiramente, “um corpo” (numa evidente força de expressão), e, em seguida, “fluídico”, que é uma linguagem assás conotativa também.

Como qualquer outra pessoa comum, biológica, Jesus teve, sem dúvida, vida toda, o seu perispírito com um “corpo fluídico”, sim, mas isso só eufemisticamente, onde o adjetivo de “fluídico”, soa como por ser “comparável aos fluídos” para o distinguir do corpo material propriamente dito, que é o carnal.

Quanto á idéia de Jesus ter sido um agênera, isso Rivail admitiu sim, como uma possibilidade, mas isso é um fato unicamente restrito à fase da ressurreição ou pós óbito, a fase póstuma, que durou uns meses só, não sei se chegou a tanto. Aí, sim, nesse curto período pós-morte, nada parecido com o longuíssimo tempo de uma Stela Livermore ou uma Katie King, Bien-Boa etc. Jesus aparecia e desvanecia-se, intermitentemente mostrava singularidades até chocantes na aparência e consistência, era irreconhecível até para os seus íntimos, direitinho como agêneras são.

Portanto, longe de ter “confirmado” ou “concordado” com Roustaing, Rivail apenas manteve o que sempre dissera antes, restringindo severamente em conceito e em extensão ou duração, o pensamento de Roustaing. Mas acima de tudo colocou uma pá de cal nas pretensões



deste, quando lembrou o mau gosto, a simulação, a insinceridade, o cortejo de infrações da ética que acompanhariam qualquer generalização fluidista, incompatíveis com o caráter sublime de Jesus de Nazaré, que não se prestaria a um histrionismo vida inteira.

Mas, o que pouquíssima gente sabe, e sempre que isso é colocado é visto como uma novidade pasmosa, é que Rivail afirmou que já sabia como tinha se dado o nascimento e portanto a encarnação de Jesus, mas que não podia ainda divulgar isso, visto faltarem-lhe elementos de comprovação. Isso está na Revista Espírita, no livro “A Gênese” também e Rivail desencarnou antes de cumprir a promessa.

No caso espírita, os roustanguistas já são dominados por um fato maciço, o de sua religiosidade, seu misticismo, sua dependência intelectual e emocional da religião, submissos sobretudo à Igreja Romana, seu atavismo cultural devocional e tudo o mais que faz suas cabeças e funciona como um par de óculos escuros, sombreando toda sua visão do mundo, reduzindo-a aos estereótipos religiosos.

Natural que tudo que pensem seja sombreado por esse filtro cromático, tal como alguém de óculos ray-ban vê tudo esverdeado. Então elas pensam o que pensam e acham que esses seus pensares explicam as coisas, os fatos, mas, na verdade não, pois são os fatos (o principal deles é o serem ainda dependentes psíquicos da religiosidade) é que explicam que elas tenham tais pensamentos.

Então tornam-se incapazes de conjugarem as duas ordens de informação, de articularem as duas áreas de entendimento e pensarem por comparação o certo, o que ressalta como evidente de qualquer confronto e análise. A ideologia religiosística nelas, impede-as de pensarem com independência, do mesmo modo que alguém

dependente de algo, seja até do simples hábito de ver novelas, tomar cerveja, fumar, comer carne, seja incapaz de passar sem esses hábitos, realmente muito limitativos, condicionantes.

Acham naturalíssimo, no caso espírita, que Jesus de Nazaré possa ser pensado como um agênera vida toda, alguém que “não nasceu de mulher” mas que entrou no mundo das formas tal como uma Katie King, um Bien-Boa, uma Stela Livermore (nomes de entidades que se materializavam anos seguidos) sem ter passado pela concepção-gestação-parto, que é lei para todos os “nascidos de mulher”.

Não pensam isso em profundidade, pois se o fizessem pelo menos achariam esquisito que um Jesus pudesse, vida toda, viver enganando, ludibriando, fingindo, só fingindo incessantemente, o tempo todo, sem nunca dormir, comer, ir ao banheiro, trocar de roupas, suar, cortar o cabelo, fazer barba, cansar-se, cortar-se e sair sangue, ter uma ereção, uma dor de barriga, nada fisiológico.

Agêneres não sentem nada. Quem sente por eles são os médiuns donde saem as massas de ectoplasma que os primeiros utilizam e para os quais elas retornam. E tocar no espírito materializado e doer no médium, é estourar flashes sobre aqueles e adoecer gravemente os segundos. Essa é a regra das materializações.

Dizer que esse corpo aparente, essa aparência perispírica (o psicossoma) que reveste, envolve a essência (que é a mente) é fluídica, é não dizer coisa nenhuma, visto que, pela ambigüidade da palavra, qualquer outra formação de matéria densa, seja orgânica ou inorgânica, ectoplasmica ou não, é sempre fluídica também; depende do ponto de vista e da intenção com que usamos o termo, parte de toda uma linguagem.

Do ponto de vista quântico-relativístico, o colossal

Everest, no Himalaia, a formidável massa bruta de rocha e gelo que encabeça a cordilheira tibetana, não passa de uma nuvem fluídica de quanta, visto reduzir-se a moléculas, estas a átomos, estes a prótons, nêutrons, elétrons, com os indefectíveis quarks e antiquarks no fim de tudo, justificando a frase heracliana: “a maior ilusão chama-se realidade”.

Isso é que agrada aos sofistas: capturarem por argumentos capciosos, tendenciosos, as mentes inespertas, manejando palavras de sentido ambíguo, em terreno igualmente indefinido de conceitos elásticos, complacentes, ainda difusos.

Já que por esse modo especioso de dizer, a própria Terra não passaria, ela mesma, de uma nuvem fluídica condensada (dizia Einstein que toda matéria é *frozen energy*, energia coagulada ou congelada), não faz muita diferença pensar, exclusivamente nos limites dessa opinião estrita, que o corpo de Jesus era fluídico, já que todos os corpos mais, sem exceção, até do Everest, por esse critério, são fluídicos também.

Mas para quê se diria isso? Só para sustentar o pensamento ideológico, o dogma religioso de que Jesus foi concebido “sem pecado”, pois o sexo é carnal, é “pecaminoso”, nascer de mulher é “sujo”, “feio”, representa uma “descida” a regiões inferiores, aos “infernos” (o que é inferior).

Então a vinda de Jesus, para ser “limpa”, “pura”, bem *clear*, toda “asseada”, isto é, não “pecaminosa”, não poderia se dar nunca por meios “naturais”, os biológicos, e sim só por uma forma diferente, sem sexo, sem carne, sem pecado, “sobrenatural”.

Aí está a ideologia religiosa desmascarada: é o próprio dogma do pecado original, da imaculada concepção etc., aparecendo como a pontinha do rabo do gato escondido, por baixo da ideologia rustenista.

A Igreja sempre torceu o nariz à mulher, por apontá-la como a causa da “queda do homem”, da perdição humana etc., e embora o próprio Jeová, vingativo, houvesse sentenciado Eva a parir seus filhos entre sangue e dores, “como as outras fêmeas animais”, uma sentença divina, portanto, que as mulheres mais não fazem senão bem cumprir; apesar disso, a ojeriza, a rejeição da Igreja ao sexo e à reprodução é de tal ordem que são negados às mulheres, com frenesi, o mínimo espaço e crédito para eles, nos cânones.

Por isso a Igreja sempre quis torcer a realidade dos fatos naturais e inventou a sobrenaturalidade, com uma concepção de Jesus (diz ela que é uma “concepção”) pura, imaculada, sem pecado, ou seja, sem sexo, que só Maria teria tido. Daí sua isenção do “pecado original”, algo de gritante excepcionalidade e sobrenaturalíssimo.

Mas a Igreja ainda contentava-se com a concepção imaculada. Esta é que teria sido excepcional, sobrenatural; não a encarnação propriamente dita, não o revestir-se de carne, de um corpo carnal para viver e morrer na cruz, pois com ele o verbo se fez carne, não? morrendo corporalmente.

Foram os docetistas que surgiram com a novidade de que nem a encarnação teria havido, mas sim, sem ela, apenas houve uma simulação, uma aparência de aspecto muito real, que a essência tomou sem carnalizar-se. Não teria, pois, havido nenhuma encarnação. O verbo não teria se transfeito em carne.

Como essa história de fato chocava-se com o dogma do Verbo (a essência) que se fez carne na imaculada concepção, então os docetistas foram recusados. Mas que diferença de fato há entre eles e o resto, se ambos os partidos são misóginos, a mulher e sua contribuição fisiológica na reprodução é por eles recusada, como uma

indecência, um escândalo, um pecado?

Se para uns dogmáticos religiosos, os partidários do verbo encarnado, a essência tomou um corpo de carne, sim, mas só que não houve sexo na concepção; já para os outros dogmáticos religiosos (os rustenistas), nem sexo houve, como também não encarnação nem concepção, foi tudo de uma sobrenaturalidade total, sem carnalidade nenhuma, só fluidismo, ectoplasma.

Esta segunda posição é a que os rustenistas adotaram, mostrando-se mais realistas do que o rei, mais dogmáticos do que o dogma anterior da Igreja, algo perfeitamente cabível nos limites das ideologias opiniáticas, ideológicas, confessionais, mas totalmente incabível nos limites da libérrima ciência e filosofia espírita, que justamente por não ser uma religião, não tem nada a ver com essas futricas.

Ficou, Rivail, de momento, impossibilitado de refutar totalmente o dado rustenista por que este manejou o termo-chave que ele mesmo, Rivail, utilizava, a expressão “fluídico”, em “corpo fluídico”, como nome alternativo e popular do perispírito. Repelir isso era criar dificuldades para si mesmo.

Por outro lado, na outra ponta desse dilema, não poderia Rivail aceitar, cooptar a investida roustainguista porque ela queria mesmo não era nada daquilo que tinha de fachada, nadinha a ver com o corpo de Jesus, mas claro que não.

Isso era só uma fachada, um xaveco, um pretexto, um expediente, uma alegação de superfície para tentar encaixar, após ela, o motivo real de tudo: a confessionalização, a igrejificação do movimento espírita. O objetivo era “vestir a máscara da religião”, tal como denunciado por Erasto.

Se ele, Kardec, dissesse redundante: “Tá bem,

Roustaing está certo, Jesus teve, sim, um corpo fluídico vida toda, porque é isso aí, isso todo mundo tem”, tal seria um desastre, um suicídio, uma autodestruição. Em nome de quê diria Rivail tal coisa? Seria a cooptação, a legitimação do adversário e de sua investida solerte, de sua ideologia preconceituosa.

É que naquela época ninguém manejava ainda esse par de conceitos, os de linguagem “denotativa” e “conotativa”, quando se fala algo concretamente ou figuradamente. Isso é claro, sempre se distinguiu, mas não com aquele par de nomes, falava-se era em “força de expressão”, “linguagem figurada”, “metáfora”, “metonímia”, sinedoque, hipérbole, etc., mas não em denotativo, conotativo.

Em linguagem denotativa, fluídico é o que é constituído de fluidos ou tem a natureza, as propriedades destes, a estes se assemelha. Fluidos são corpos minerais como a água e os líquidos, o ar, os óleos, os gases, as viscosidades várias, e até as massas de grãos, os pós, nuvens de poeira, a areia, a terra solta, tudo que não têm forma própria e adota a do vaso ou limites que os contêm.

Fluidez é mobilidade, tudo que flui, corre, movimentase. Em linguagem conotativa, no plano das imagens e comparações, diz-se que algo é fluido quando não tem uma forma determinada, uma duração preestabelecida, um padrão certo, fica tudo incerto, indefinido. É assim que se diz em política: “a situação ainda está fluindo”.

Agora, na física do século passado, desde o século XVII, dizia-se denotativamente que havia fluidos. O que eram? Já o dissemos, páginas atrás, era tudo o que fugia da definição imediata, concreta, como matéria, mas que existia, sabia-se existente, por seus efeitos. A energia, a força, por exemplo.

Como o perispírito não era propriamente material, mas tinha só algumas proximidades com a matéria, então disse Rivail que era “semi-material”. Não sendo puro espírito só podia ser matéria, nessa época não se falava ainda em energia; não ser uma, só podia ser a outra coisa, daí o meio termo de ser “semi-material”.

Essa coisa semi-material que era o perispírito, só podia ser um ... fluido, era fluídico. Muito justo, na linguagem denotativa de então.

Quando Planck e Minckowicz, mais uma leva de outros sábios produziram a teoria quântica, na base conceitual dela entrou o nome de “quantum” (o plural é “os quanta”), como partículas, ticos, partições minimíssimas (apenas conceituais) da energia, que por sua vez já era a base da própria matéria.

Isso acarretou a idéia inevitável de haver nuvens quânticas, remoinhos de quanta compondo os átomos, as moléculas, os corpos, tudo. Uma idéia bem fluídica, convenhamos. Como hoje o plasma também é.

Tivesse Rivail o purismo, a meticulosidade de purista, de gramaticão, então ele rejeitaria o uso da expressão, mas ele era, acima de tudo, um comunicólogo nato. Sabia que por mais finas e precisas especificações de ordem técnica, como seriam as rejeições por motivo lexicográfico, feitos por um emissor, o que importaria mesmo seriam as aceitações populares, com o povo como receptor geral de toda comunicação, pela lei do menor esforço, quando se opta pelo mais simples, menos complicado, mais fácil, por já habitualizado e mais conforme com o que já se aprendeu, ainda que esteja de um certo modo errado.

Toda grande noção só é assimilada devagarinho, vai o povo comendo-a pelas beiradas; a natureza não dá saltos, dizia Aristóteles, essa de Hegel e Marx, falando

dos “saltos qualitativos”, não se aplica ao processo da comunicação, muito menos ao aprendizado.

A física transitou em menos de cem anos, de uma concepção toda mecanicista que rejeitava o átomo, para uma posição atomística, e, ainda dentro do mecanicismo, também de uma idéia fluidista, de que há fluidos, para o seu oposto, o de que fluidos são apenas uma imagem construtiva, um mero argumento do fenômeno real, de que existem campos e ondas, energias e partículas, os quanta e os padrões de interações.

Numa década, dizia-se uma coisa; já na década seguinte, bem outra coisa e assim foi até, pensando bem, pouco tempo atrás, quando o último baluarte de fluidismo, o éter, foi desacreditado, mas em criança eu ainda o conheci, como uma palavra popular, repetidíssima, pelos “speakers” com o advento do rádio, até a década de 40. A ciência não lidava mais com o conceito do éter, mas o povo sim.

Interessava a Rivail manter mais o conceito de fluido, pois isso seria útil pedagogicamente para viabilizar a idéia do espírito, só que não podia deixar que a idéia rustenista, como uma enxertia se criasse na própria ilharga do Espiritismo, como um parasita. E com o sentido trocado.

É perfeitamente idiota imaginar que, tendo Rivail perguntado aquilo que perguntou (n.º 29 a 32 do Livro dos Espíritos), e tendo recebido a resposta que foi, não tivesse ele expandido ainda mais o assunto, particularmente com os seus mentores, aprofundando o ponto. Claro que houve essa conversa “off the record”, isto é, ao pé de ouvido, “íntima”, ou “only for your eyes”, só para ele.

Também é evidente que quando o enxerido livro “Os Quatro Evangelhos” foi publicado em 1866, Rivail já sabia de sua existência desde quando fôra ele concebido



entre seus autores desencarnados mesmo, cinco anos antes, Rivail, que tudo acessava que tivesse alguma ligação com seu trabalho, não ficou no jejum dessa informação. Veja-se que Erasto o preveniu a três meses até (setembro/1861), do próprio futuro encontro entre Roustaing e a médium Colignon, em Bordéus (dezembro/1861).

Dizer que uma pessoa se materializa e passa a vida toda materializada, com um corpo fluídico, é uma coisa que tanto pode soar verdadeiro numa quanto noutra das duas áreas de afirmação: o que é, na realidade, toda formação compacta, consistente, de massaenergia, sejam corpos fisiológicos ou não, sejam as montanhas, os planetas, senão uma materialização a longo prazo? Einstein mesmo não chamava a matéria bruta, densa, de “frozen energy” (energia coagulada)? A longo prazo, toda formação assim, virá a desvanecer-se pela entropia.

Mas nem por isso se vá fincar o pé aí e protestar, turrar, que sendo isso verdade, então Jesus nunca encarnou, teve só um corpo fluídico vida afora, pois isso já é uma temeridade. O máximo que se pode afirmar é que, sendo o perispírito “um corpo fluídico”, construtivamente, e a essência, o espírito ou mente estando sempre revestida por mais aquele campo perispiritual, a todo instante, então sempre se tem, em cada passo de uma vida terrena, um “corpo fluídico”, que é o próprio perispírito. Isso Rivail, que não era tolo, admitiu explicitamente no livro “A Gênese”, sem que nem por sombra, com isso, admitisse nadinha da tese roustainguista.

Disse, redondamente, que “Jesus teve, pois, em vida, um corpo fluídico, que era o seu perispírito, como qualquer outra pessoa”. Mas assim mesmo acrescentou: após sua morte, já aparecia como um agêner. O que, acrescento eu, não é nenhuma novidade, pois Katie King fez exatamente o mesmo.

Que o corpo de Jesus, fluídico ou não, no discurso rustenista, era apenas um pretexto, uma desculpa, um boi de piranha para atrair atenções, um chamariz, está mais do que evidente, pois o livro do dissenso estende-se em muitas outras afirmações perfeitamente tolas, algumas até alvares, de uma religiosice de fanáticos.

Por exemplo, fala dos famosos “minhocões”, os famigerados “criptogamas carnudos”, algo de uma pobreza e uma baixaria tantas, que nem sei como homens de alto gabarito intelectual os aceitam sem protestos. Talvez por um equívoco.

Mas onde escorregam mesmo é quando entram a explicar o materialismo e o ateísmo como sendo uma revolta dos espíritos contra o Criador, “uma falta gravíssima que os precipita na carne”, para aí viverem como “minhocões”.

É a famigerada “queda dos anjos”.

Na verdade, materialismo e ateísmo são reações de indignação, de revolta de pessoas que foram extremamente feridas, humilhadas, massacradas em nome de Deus, Alá, Buda, Brama, Jeová e que mais outros hierônimos, nomes sagrados ou teoconceitos sublimes, que os seus assassinos e impiedosos inimigos tenham utilizado.

Assim maltratados, cria-se no espírito das vítimas uma associação inarredável entre os nomes e os conceitos santos e sagrados que patrocinaram a violência que sofreram; e os seus abomináveis perseguidores; e já não podem mais nem ouvir falar nuns sem lembrar os outros. Daí maldizerem, malsinarem tudo que lembre o deus vingativo e injusto de quem os vitimou.

Então, o ateísmo, longe de ser uma coisa gratuita, surge como um produto deplorável da estupidez humana, de um lado a animalidade, a brutalidade dos algozes; de outro, a incapacidade das vítimas de por si mesmas

separarem o que são os atos selvagens e desumanos, do que é a face augusta do Ente Supremo, do Excelso Pai.

Terrível é a responsabilidade das fés, das religiões, dos cultos, seitas e igrejas, de todos os tempos, como fábricas de ateus e revoltados. Vendo a onda de maldades e injustiças em nome de um Deus, os oprimidos recusam-se a aceitar isso e preferem viver sem essa idéia consoladora, do que aceitar que o Criador seja o mandante de tudo aquilo.

No fundo o ateísmo, o materialismo, são é homenagens que as almas prestam à Paternidade Divina, negando-se a aceitar que o Supremo Amor tenha alguma coisa a ver com a suprema estupidez e maldade.

Numa pedagogia de sabidos, um marketing e propaganda de espertos, o rustenismo lançou na frente a chocante idéia de um Jesus-agênere, para balançar, fazer agitos, provocar protestos, reações etc., quando na verdade nenhum interesse tinha em sustentá-la, já que seu verdadeiro objetivo era bem outro: aproveitar a gritaria em torno daquela irritante questão de fachada, para fazer passar, bem escondidinha, despercebida, a verdadeira intenção sua, que é a de “vestir a máscara da religião no Espiritismo”. Daí Herculano Pires ter chamado ao corpo fluídico de “o cavalo de Tróia” do Espiritismo.

O expediente tático foi o corpo fluídico, mas o real objetivo estratégico, a igrejificação.

Rivail, reagindo, limitou-se a uma série de medidas que pareceram chochas, fracas, mas de grande sabedoria e acerto.

Primeiro atacou a bombástica auto-inculcação do dissenso, de ser uma super-revelação, a “revelação da revelação”, no primeiro combate que lhe moveu com aquela Introdução do livro “A Gênese”. Ali ele estabelece o que são os caracteres da verdadeira revelação: é ser uma

verdade, pois a mentira, o sofisma, a fraude, não são nenhuma revelação.

Depois ataca e desmonta o uso elástico demais da expressão “corpo fluídico”. Fluídico, afinal de contas, tudo neste mundo é em linguagem conotativa, mas quando se fala de “corpo fluídico” na linguagem espírita, se não se está falando da água, do ar, etc., que são corpos minerais efetivamente fluidos, pois que fluem, está-se falando é do perispírito, mas isso é só uma imagem, então deteve-se aí pois ir além seria criar panos para mangas. Afinal, o livro de Maxwell apenas recém saíra (1867), tinha de dar tempo ao tempo para que o povo, último receptor geral de qualquer comunicação, enfim assimilasse a idéia de campo, onda, energia, essenciais ao entendimento último do conceito de perispírito.

Toda a questão é, no fundo, apenas lingüística, lexicográfica, há contornos idiomáticos aí, pois falar em corpo é obviamente incidir muito na massaenergia. Já o perispírito é algo um tanto fora dessa definição, só é campo, espectro de forças, um espaço “quantizado”.

Não adianta ficar perorando sobre isso pois não tem saída: a pobreza de linguagem humana já líquida com qualquer esforço de perfeita precisão.

Um bom exemplo de tudo que estou colocando são as reações das pessoas a Roustaing. Os que são-lhe opostos declaram-se abertamente kardecistas e a oposição é sempre feita em termos de “Kardec versus Roustaing”, e na verdade não é só isso, é algo muito maior, vem de muito antes, poderia definir-se como “Rivail versus Igreja”, pois o pobre Roustaing foi apenas um instrumento usado pelo pensamento religioso-religiosista para tentar atingir e desacreditar Rivail.

É preciso abandonar a fixação em Kardec, no conceito e imagem que popularmente lhe são atribuídos,

de “fundador da religião espírita”, e adotar a outra ótica, a de Rivail, o pedagogo e humanista laico que naquele século encarnara a cultura sobreviventista, para podermos todos entender o porque desse fenômeno curioso, o de pessoas que se opõem a Roustaing, repudiam-no por causa disso ou daquilo, mas não conseguem descobrir que isso não basta, precisaria que elas rejeitassem também é o religiosismo que está escondido por trás do dissenso rustenista.

Todos os anti-roustainguistas que conheço só são é anti-Roustaing mesmo, mas não conseguem abstrair disso e enfrentarem a verdade mais geral, mais profunda, a de que precisam é adversar o religiosismo, este é que é o inimigo solerte, pois tenta-se com ele desviar o Espiritismo de sua rota histórica, frustrá-lo em sua missão.

Para demonstrar isso, façamos o seguinte: “tá bem, tá legal, Roustaing está errado, o corpo de Jesus não era um agêner, não, mas ... e daí? E o resto? É só na questão de ser ou não ser Jesus um agêner que Roustaing está errado?” Claro que não, tudo o mais, absolutamente tudo o mais converge para uma perfeita inutilidade ali, pois tudo é dito em nome de uma ideologia, a de que “*religion uber alles*”, a “religião está acima de tudo”, que o Espiritismo tem de ser a ancila, a aia, a mucama da religião para servi-la de rastros, para que esta cumpra seus desígnios divinos de salvar as pessoas, etc.

Foi isto que Erasto quis dizer ao apontar que “os Tartufos”, os enganadores, se dissimulariam “com a máscara da religião”, para melhor iludirem.

Tudo que envolva Roustaing e o corpo de Jesus, só por ser Jesus, está revestido de imensa criticidade, fica crítico, difícil de pessoas pensarem a partir daí com isenção e serenidade.

A figura do Doce Rabi ficou de tal modo impregnada

naquela confusão dele com Deus, cavada, cevada, imposta e explorada pela Igreja, que tudo que se queira mudar a respeito, revisando e repensando, quiçá substituindo por melhores noções, parece de pronto um imperdoável sacrilégio, ato de lesa-deus, uma blasfêmia, uma grande impiedade. Mas não é assim.

Por exemplo, a identificação do Espírito de Verdade como sendo o próprio Jesus de Nazaré, foi obtida a partir daquele incidente já referido, da mensagem que primeiro foi impressa sob o sublime nome e depois já continuou reimprimida sob o outro nome, o de *Espirit Verité*, que em nada lembra mais o hierônimo profundamente sagrado. E que a primeira pessoa que falou expressamente disso foi Roustaing, naquela carta dele a Rivail.

Parece um truismo que Jesus de Nazaré envolveu-se como um comandante, um líder atuante com a onda de renovação cultural do Espiritismo. Isso foi dito e redito em diversas culturas e pontos do globo, mas nem sempre foi aceito.

Raymond, filho desencarnado de Oliver Lodge, refere que viu Jesus pessoalmente dirigir-se aos espíritos desencarnados após uma batalha na grande guerra (1914-1918), com doçura, melancolia e severíssima repreensão. Mas seu pai não aceitou e rapidamente descartou continuar aquela conversa.

Também Walter Wynn, no seu livrinho “Meu Filho Vive no Além” (hoje reeditado com outro nome) refere algo parecido, dizendo: “meu filho de repente disse-me: “Eu vi Jesus” e logo isso foi posto de lado pois o assunto era impróprio”.

Os espíritas rejeitam Roustaing é só porque este disse coisas inaceitáveis sobre o corpo de Jesus, isso só porque esta é uma questão tocada de sublimidade, inabordável, mas eles não refletem que todo o dissenso

alterou profundamente o Espiritismo, tornando este religioso e desencaminhando-o de seu curso natural, desautorando Rivail que não aceitava a religiosidade.

E isso aí não vejo ninguém que se diga Kardecista, demais, rejeitar.

Acredito firmemente que o plano último de Rivail era contemporizar com duas linhas de acontecimentos, dois fluxos de eventos. Um que era o dinamismo próprio da sociedade, que estava mudando constantemente, era um contexto muito fluido; outro que era o dinamismo do próprio Espiritismo, que iria cumprir aquela sucessão de períodos, inclusive o que Rivail mesmo chamou de “religioso”.

Então eram dois corpos movendo-se para um *over laping*, uma posição mais tarde, um ponto futuro, como um jogador de futebol que faz um centro ou um passe, isto é, chuta a bola para um certo ponto além do que ele está e após driblar o adversário vai lá ele mesmo recolher a bola: isso se chama fazer um lançamento, *over laping*. Ele centra ou passa, lança a bola até para si mesmo, quando estiver lá mais tarde para recebê-la.

A sociedade estava progressivamente deixando de ser religiosa, porque a Igreja Católica estava em célere desfilada rumo a uma auto-liquidação: um ano depois da morte de Rivail, ai-hei-la suicidando-se com aquela decretação do dogma da infalibilidade papal (1870), uma bomba realmente. Depois, a sucessão de desgastes e perdas, com as quedas do império do czar, da monarquia portuguesa e da espanhola, da mexicana, caindo uma após a outra e em seu lugar erguendo-se governos comunistas e socialistas, repúblicas atéias e anti-clericais. Isso tudo entre o fim de um século e o começo do outro.

A primeira guerra mundial foi uma catástrofe que desequilibrou as melhores cabeças e revolveu o mundo.

A segunda, então, nem se fala. Com seus apêndices, as guerras da Indochina (com a França), da Coréia e do Vietnã (antiga Indochina), a Guerra Fria, a do Oriente Médio e a permanente chantagem atômica.

Não quero fazer história, mas é só olhar como a marcha da sociedade aconteceu. Hoje, 150 anos depois de Rivail, vê-se a volta por cima e um retorno do capitalismo na Rússia, com a liquidação da URSS e do comunismo.

A Igreja defendeu-se como pôde: ela apelou e manejou os elementos místicos de que dispunha, com as Virgens de Lourdes (França, 1858), Fátima (Portugal, 1910) e no Brasil, a Senhora das Graças (1946).

É preciso entender que assim como há uma Igreja de encarnados aqui neste plano, também há no contra-campo dos desencarnados a mesma Igreja, só de crentes descorporalizados, padres, frades, freiras, muito atuante, ativa, de sinceros interessados na continuidade de tudo que a religião representa.

Tem essa Igreja de mortos a função de administrar, como um síndico de massa falida, a marcha histórica da Igreja de encarnados, conduzindo-a para os verdadeiros objetivos que a instituição sempre teve originalmente, embora deles viva procurando desviar-se.

Havendo tantos médiuns no seio da Igreja, natural que grandes entidades procurem dirigir-se através deles, com grandes encenações, para sensibilizar as nações, tal como, laicamente, espíritos operam nos meios espíritas etc. O que conta são os objetivos gerais últimos, pois espíritos, quanto mais elevados, tanto menos sectarismo ou partidarismo têm.

Esse negócio de ter grupinhos, partidos, facções etc., é só para nós, os encarnados, obnubilados pela carne e seus véus. Os desencarnados, de modo geral, perdem isso e operam numa faixa de desinteresse, neutralidade,



isenção, ajudam a fazer o bem, onde quer que possam, sem ligarem para o que este ou aquele grupo crê ou pensa. Embora haja entre eles também os limitadinhos, os que são facciosos, partidários, que não podem ir a todos os lugares visto terem opiniões, preferencias, gostos e pontos de vista muito limitados e limitativos.

Acho que Rivail apenas lançou umas sementes de uma renovação cultural muito grande, que ele atuou como um catalisador do processo geral de mudanças da sociedade, algo muito aberto, mas que mesmo esse fermento tão neutro que foi o Espiritismo, tinha sua dinâmica, seu gradualismo, seu transformismo interno, começou de um jeito e depois tinha de ir mudando.

A sociedade mudando, de um lado, o Espiritismo também, de outro lado, no fim as duas pinças se encontram e a mente humana acaba edificada, esclarecida.

A zebra é que os caracteres autoritários, dogmáticos, sectários, acham opiniaticamente, que só como uma religião o Espiritismo pode vencer, algo assim meio parecido com o que aconteceu com o evangelho, o cristianismo.

Desanimados talvez, ante a extensão da tarefa, os líderes do cristianismo nascente, acharam que daria mais certo, iria mais depressa e mais fácil, daria mais pé se aproveitassem a estrutura ainda intacta do colosso do Império Romano e que a nova cultura cristã fluiria mais, iria mais longe escorrendo por esses ductos, esses canais, as linhas culturais da colossal estrutura do Império.

Embarcaram nessa e se deram mal, pois certos meios conspurcam os melhores fins e o cristianismo, posto nesse “vaso imundo”, acabou por este corrompido. Esqueceram a lição de Jesus, sobre “o vinho novo em odre velho”, sofreram uma tristíssima derrota: a inércia do sistema, geração após geração, aviltou e corrompeu todo o cristianismo e o espírito do evangelho, simples-

mente desencarnou do corpanzil ciclópico da Igreja.

Hoje, os espíritas repetem essa situação como um *deja-vu* tin-tin-por-tin-tin. Estamos diante de um colosso, a religião, que parece aproveitável, uma estrutura intata, boazinha ainda para usar, por que não? Pouparia muitos trabalhos, já está tudo feito, é só adaptar aqui, inovar ali, uns retoquezinhos acolá e pronto. Tremenda economia de esforços, um negócio da China.

É, mas Jesus ensinou também que não se deve ir pelos caminhos fáceis, floridos, que não vão dar em nada, mas deve-se optar pelas sendas pedregosas, espinhosas, de total abandono dos traçados antigos e de novidade completa, para evitar reincidir em erros e maus hábitos, atavismos e fatalidades. “Não se põe remendo novo em roupa velha.”

Pareceu a muitos espíritas que o papel do Espiritismo era apenas, numa idéia super-simplória, o de dar uma espanadinha no cristianismo, tirando o pó dele, fazendo uma maquiagem, uma reforma de superfície, algo só cosmético, não? A estrutura evangelho, do cristianismo, do sentimento religioso, já estavam aí mesmo, tudo em pé, era só aproveitar e injetar o Espiritismo nisso, não?

Outra vez esqueceram a lição do “vinho novo em odre velho”, do “remendo novo em roupa velha”. Adaptado à religião, tornado religioso a muque, a marteladas, com total desprezamento dos veementes protestos antecipados de Rivail e suas denúncias de que fazer essa igrejificação só aproveitaria a Igreja, então somos hoje um movimento sesquicentenário ainda em busca de uma identidade.

O Brasil é um país formado à sombra da cruz e à roda da saia dos padres, frades e freiras, missionários e religiosos de todo tipo. A ascendência deles em nosso povo e nossa cultura é imensa, acachapante.

O Espiritismo não deve, a meu ver, preocupar-se em

converter ninguém, proselitizar ninguém, mas sim fazer, como Jesus também mandava, uma busca bem seletiva, ir somente “às ovelhas desgarradas de Israel”, isto é, aos que já se desiludiram, já desistiram das velhas fórmulas desgastadas, dos velhos estereótipos das religiões.

Neste mundo há gente ainda ocupada em exercer a sua liberdade **de** religião, isto é, em mover-se de uma religião para outra, mudando periodicamente de opinião religiosa ao sabor de seus gostos, opiniões e conveniências. São os migrantes confessionais.

Relativamente a esse número, é muitíssimo menor a quantidade dos que já se preocupam com outra liberdade, com a sua liberdade **da** religião, ao confrontar as duas coisas: a sua liberdade de religião com a sua liberdade da religião, desistiram de moverem-se dentro dos mundos de confissão religiosa sucessivos que a lei lhe assegura percorrerem e já fizeram uma opção por uma saída do nível de religiosidade, ou seja, deixaram de ser religiosos, pois aquilo seria ainda só aquela primeira liberdade, a de moverem-se migrantes no terreno das fés e confissões mas decidiram-se, isto sim, por outro tipo e forma de liberdade, a deles próprios, como pessoas que já se emanciparam da religião, tornaram-se livres dela, bem independentes de qualquer sentimento ou reflexo religioso.

Então há as duas liberdades, a **de** e a **da**, sendo a primeira o direito de cada um ter a sua opção religiosa, nela permanecer enquanto quiser e de a trocar por outra, caso assim o decidirem, tudo muito livremente. Mas a liberdade **da** religião, sim, é a que importa, interessa, que é quando as pessoas, tendo amadurecido, já independenciaram-se e se desligaram de qualquer tipo de engajamento religioso, deixaram de sentir interesse por qualquer forma sectária de religiosidade, sentindo

imenso cansaço disso, total fastio e tédio de toda e qualquer religião, por suas exigências de sectarismo e facciosidade.

Estas pessoas só deixaram é de ser religiosas, fique isso muito claro, pois passaram a um outro nível existencial, superaram o reflexo látrico, os condicionamentos religiosos e se projetaram uma nova etapa de si mesmos. Não é que sejam atéias, materialistas, agnósticos, nada disso: só deixaram é de ter religião. São agora apenas espiritualistas sem rótulo. Pode-se ter essa cultura espiritualista simples, admitir a existência pura do espírito, bem como, forçosamente, a de um Ente Supremo e de seu corolário, as almas individuais, essa é uma cultura deísta porém laica, profana, pois se desenvolve fora de quaisquer convenções e limites de organização e autoridade, é uma pura e libérrima opção filosófica da consciência.

É nesse público aí que o Espiritismo recrutará seus adeptos. Não se trata de ir buscá-los propriamente, de ir procurar sensibilizá-los e aliciá-los, não. Mas é daí que, nitidamente, virão os melhores adeptos, **se e quando** os mecanismos circunstanciais da vida os puserem em contato com o professor Rivail.

Eles estão aos magotes diluídos na massa geral dos adeptos. Quando os vemos, são os espíritas discretos, sinceros, esclarecidos, que em geral não ocupam cargos, quase não aparecem.

Já os afoitos, os temerários, os atirados, são religiosos que trazem no imo d'alma a freima de ocuparem posições, cargos, influírem, determinarem, modelarem o movimento e dirigir a comunidade. E é nessa que tropeçam, porque o que podem dar é o que já conseguiram acumular em si, mas como evitar que do seu próprio íntimo venham misturadas, com suas melhores e mais

sinceras aspirações, também as malditas sementes do religiosismo?

As pessoas sempre botam em tudo que fazem um pouco de si, do seu piso d'alma, do chão de seu espírito, de sua pilha cultural. Se esse acervo inteiro é religioso, então a influência que exercem no movimento é no sentido de o confessionalizar também. Não percebem a diferença: elas não sentem que saíram da religião e entraram num espaço cultural diferente, profano e laico, areligioso, apenas ciência e filosofia. Não sentem isso, não. Pelo contrário.

Elas imaginam que apenas trocaram de religião, saíram de uma, a que tinham, e entraram "noutra", "uma nova". É a velha história dos imigrantes; botam "avencas na caatinga e alecrins no carnaval" e, num eclipse da razão, chegam a ver "o Amazonas, correndo Trás-os-Montes, desaguar no Tejo".

É preciso compreender que há coisas que se mancharam, se confundiram, se contaminaram de tal modo com elementos descaracterizadores, deformantes, que fica quase impossível filtrar os corpos estranhos e restaurar a pureza original.

Uma idéia nova, qualquer idéia, é um molde, um padrão, que avassala as mentes na esteira do processo de comunicação, formando um grupo de sustentação dela, gente que se sente comprometida com essa idéia e por um sentimento de imensa solidariedade e simpatia entre si, enquanto grupo, tudo faz por esse idealismo, para o defender e propagar, sustentar a idéia que os reuniu. Isso é um bê-a-bá, algo muito simples.

Se isso se dá no plano das idéias políticas e sociais, formam-se os partidos, as frentes, os movimentos ativistas com uma fisionomia inconfundível.

Se é no plano das fés e crenças místicas, piedosas,

então são os cultos, as seitas, as igrejas e comunidades do ramo religioso.

As idéias apenas científicas e filosóficas, em grau muito menor, também formam “ismos”, que têm “istas”, isto é, grupos de opinião, de militância, ativismo, adesão e seus membros.

Os romanos referiam que toda e qualquer associação de gente, por qualquer razão e para qualquer fim, era uma religião (*religio-religionis*), a palavra significava no latim estritamente “laço”, traduzia que havia um laço, uma amarração qualquer (hoje diríamos, um laço psicossocial) entre os membros de qualquer grupo. Isso não tinha nada a ver com fé nos deuses, as latrias, dúlias, fanias ou coisa parecida; era só o rótulo de um fato social: a associação entre pessoas que tivessem algum traço em comum.

Quando essas pessoas se encontravam, se reuniam num recinto qualquer, formavam uma assembléia; então isso chamava-se *ecclesia*, uma igreja, o que também ainda não tinha nada a ver com fé piedosa.

O sentimento que as conjuntava nessa assembléia, era chamado de *fides-fidei*, fé, isto é, era o caráter delas, o cunho ou sentido desse grupo, o conjunto de traços que formava aquele “religio-religionis”, aquele laço psicossocial, tudo isso sempre sem ter nadinha com cultos e adorações.

Dentro desse quadro de palavras e conceitos perfeitamente distante de qualquer clima piedoso e místico, então a família, a gens, eram religião.

Era a religião do sangue (*religio sanguinis*), do ponto de vista da consangüinidade, pois esta era um laço que reunia gente da mesma cepa, a gens, formando um grupo de consangüíneos, gerações afora, nos laços de sangue.

Já quando o ponto de vista era apenas civil, então a família era vista de outro modo, pois incluía outras

pessoas além dos consangüíneos, as noras e genros, os cunhados, os contraparentes e libertos, escravos, os clientes e alunos, onde clientes eram meros dependentes econômicos, fossem parentes ou não; e alunos eram jovens idem, entregues pelo Estado ao pai de família para serem criados pôr este, sem adoção. Essa era a religião da família (*religio familiar*), o grupo civil abrangido pelo pátrio poder, independente de consangüinidade.

O círculo de amigos era a religião da amizade (*religio amititia*), já os membros, finalmente, do mesmo partido eram os *religio polithicae*, os devotos do mesmo deus, freqüentadores do mesmo templo formando uma clientela natural de um culto látrico com objetivos comuns, essa era a religião do culto (*religio cultus*) o grupo de pessoas que mesmo sem se conhecerem entre si, faziam juntas a mesma coisa: adoravam a uma mesma divindade.

E havia a *religio politica*, o grupo de correligionários de uma facção, um partido.

Por isso, por confundirem alhos com bugalhos, muitos historiadores pisam na bola e misturam estação. Descrevendo a vida romana antiga falam que tinham “várias religiões” e enumeram, como se fossem mesmo diversas opções látricas, as religiões que listei, a do sangue principalmente, dando a falsa impressão de que os sacrifícios rituais, a imolação de vítimas, praticada no *cultus-cultus*, fosse já a própria religião do sangue, uma idéia totalmente falsa.

E tendo existido, em priscas eras, antes mesmo da realeza, uma forma látrica puramente doméstica, celebrada em casa mesmo pelo próprio pai de família (o *cultus* celebrado nos templos, de forma pública e por sacerdotes isso só foi bem mais tardio, veio quase 600 anos depois já no consulado e este era um *cultus* celebrado nos templos, publicamente oficiado por

sacerdotes), no recesso doméstico, essa latria do lar costuma ser descrita e confundida com a “religião da família”, a “religião doméstica”, outro erro gritante.

É assim que, de erro em erro; cria-se um clima de total desinformação. As quatro palavras confundiram-se – igreja, fé, religião e culto - ficaram argamassadas no único significado de “coisa látrica”, que a palavra religião tomou.

Agora vá algum corajoso tentar dizer que não é assim, que está tudo errado, que isso é um amontoado de confusões, que religião do sangue, religião da família, religião da amizade, religião política, religião familiar, não eram religiões romanas no sentido atual da palavra (o religioso), mas sim meros nomes de relações grupais, sociais, só laicas (civis, psicossociais) que nada tinham de látricas.

Pois foi um clima carregado de religiosismo assim que ditou a fulminante obsessão que vitimou Roustaing. Ele talvez tivesse mesmo uma formidável missão a desempenhar no seio do Espiritismo, talvez até mesmo sucedendo a Rivail, como aquele que “já estava designado sem de fato o estar”, como um dia (a Rivail) disseram.

Fosse como fosse, o confrade escorregou e caiu, tornando-se chefe de um mero dissenso, uma controvérsia que se levantou e não passou daí. Isso não faz dele nenhum ser desprezível e amaldiçoado, como às vezes é tratado, claro que não, Roustaing é o retrato de todos nós.

Um dia, nossas consciências mesmas traçarão esse veredicto a nosso próprio respeito: de um modo ou de outro, um tanto mais ou tanto menos, cada um de nós reconhecerá ter sido igualzinho a ele, deixando que nossos próprios interiores, ocupados pelos resíduos de nossas limitações, como um odre velho, estragassem o vinho generoso e novo da idéia espírita.

Os espíritas que, dizendo detestarem o roustan-



guismo, todavia perseveraram em tornar religioso o Espiritismo, não fazem nada diferente de Roustaing; estão só fazendo, por outros meios, exatamente o mesmo que ele: incidindo num desvio do padrão genuíno rivailiano.

O sistema federativo, no seu conjunto, representa uma construção respeitável, responsável por grande massa de produção de caridade, filantropia, que de certo modo o resgata e minimiza o grande erro que praticou, por ter optado pelo que o Abade François Chesnel (em abril de 1859, ver a Revista Espírita) queria, e não pelo que Rivail determinou. O Abade foi a primeira pessoa a propor um Espiritismo-religião e que turrou, polemizou com Rivail por isso, sendo repelido por este.

Por tal, serenamente, sem maldições nem anátemas para ninguém, conclamo a todos que já estamos vivendo o abençoado clima interior de liberdade da religião, respirando o puro oxigênio do padrão rivailiano laico, sem misturas, para de um modo decidido, firme, irreversível, nos gruparmos em entidades que expressamente optem por esse padrão, descartando quaisquer outros.

Essas entidades, multiplicando-se, juntas, comporão o que eu chamo de o “segmento padrão” do movimento espírita, aquele segmento que não se acha melhor ou mais certo do que ninguém, mas que não abre mão de modelar-se pelo padrão rivailiano puro, de ficar somente nos limites da codificação, sem deles extrapolar.

Sinceramente, fora disso, não vejo nenhuma outra solução.

Com protestos de sincero respeito pelos religiosos do movimento, sejam roustainguistas ou não, com pensamentos de paz endereçados ao respeitável Roustaing, aguardo confiante em que um dia os espíritas já libertos da religiosidade e decididamente compromissados com Rivail, ainda façam isso: organizem-se em um segmento padrão de um modo não federativo mas meramente

cooperativo, consensualista, isto é, onde ninguém subordine nem seja subordinado a ninguém em pirâmides de poder, mas todos cooperem uns com os outros, horizontalmente, igualmente, formando um contingente alternativo ao outro, ao sistema federativo, cada qual reunindo, de modo pacífico e harmonioso, as duas compreensões espíritas: os ainda religiosos e os já libertos dessa limitação, todos convivendo lado a lado.

Por isso a posição peregrina de Rivail. O que quer que tenha sido, Jesus foi um exemplo de ordem e integridade, um padrão de justiça e honestidade, com emprego de meios lícitos, de recursos desconhecidos à nossa pobre capacidade de entender.

Supor que tenha sido isto ou aquilo, que tenha vivido assim ou assado, é sempre um ótimo e saudável exercício de lucidez, lógica, raciocínio, que deve-se aplaudir e encorajar, desde que não se use isso para realimentar velhos preconceitos, tabus, sexofobias e misoginias, noções de pecado, culpa e outros abusões que o Espiritismo veio soterrar.

No fundo de tudo, os farsantes que desguiaram Roustaing não estavam interessados em nada, senão nisso: em usar a religião como uma máscara e, com discursos mateotécnicos, enganadores, falas adocicadas que engodavam e prendiam pelo atavismo religioso, obstarem a marcha histórica do Espiritismo e perpetuarem os cabrestos da religião.

Roustaing, hoje desencarnado faz mais de século, deve estar já noutra, dando duro por aí, como o Abade François Chesnel também, este fulano xereta que veio bedelhar que o Espiritismo era “uma religião”.

Rivail está onde está, mas nós espíritas, onde estamos? O que temos feito para o sucesso do Espiritismo?

Essa é uma dolorosa pergunta.

**Digitalização:**

PENSE - Pensamento Social Espírita

[www.viasantos.com/pense](http://www.viasantos.com/pense)

Janeiro de 2011.



**GRÁFICA ITA**

Rua Desembargador José Batalha, 113  
Bairro de Lourdes - Vitória - ES  
Telefone (27) 222-2499 - Fax: (27) 222-7810